

Marco Antonio Damian

O Desagravo

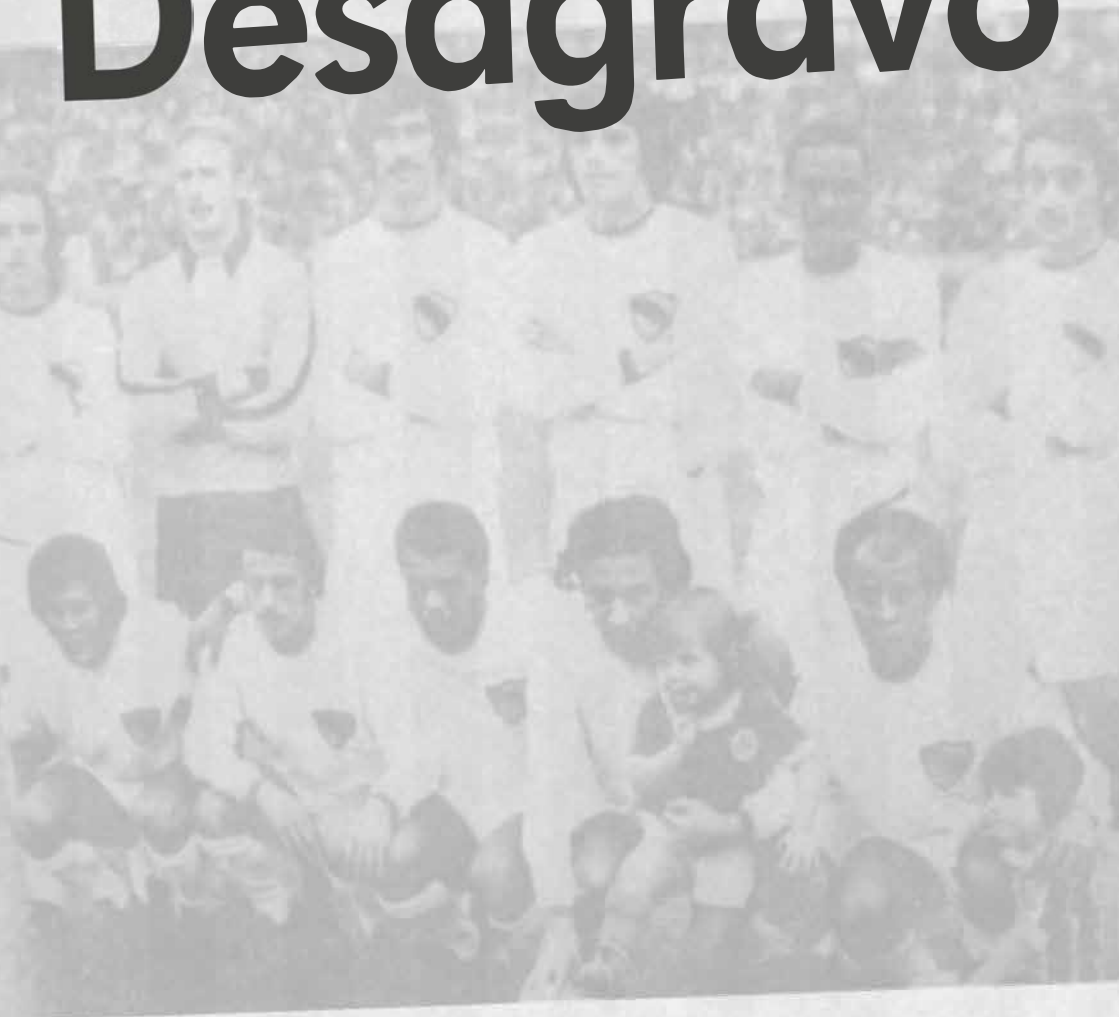


Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

Duas manchetes do jornal Folha da Tarde, edição de 17 de junho, dia do jogo, estampavam: "Vá torcer por 11 gaúchos. Eles ficaram sozinhos para defender nosso futebol". Era um apelo quase dramático à torcida. A outra vinha do técnico Zagallo, com relação a Everaldo Marques da Silva: "Vou procurar o Everaldo e lhe dar um abraço de amigo. Ele merece". O técnico teria se arrependido de ter provocado toda esta celeuma? Bastaria tê-lo convocado e nada disso estaria acontecendo.

Marco Antonio Damian

O Desagravo



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

Marco Antonio Damian

O Desagravo

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2019

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

e-mail para contato: projetoassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

1ª Edição, Setembro 2019

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sítio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

Creative Commons Atribuição-Compartilha Igual 4,0 Internacional;

Para ver uma cópia desta licença, visite:

http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, California, 94041, USA.

Revisado pelo Autor em 23/09/2019

D158d Damian, Marco Antonio

O desagravo [recurso eletrônico] / Marco Antonio Damian. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2019.

3,5 Mb ; PDF.

ISBN 978-85-8326-424-8

Modo de acesso: World Wide Web:
<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Futebol – História. 2. Esporte – História – Rio Grande do Sul. I. Título.

CDU: 796.33

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

SUMÁRIO

Agradecimentos	7
Dedicatória	9
Homenagem	11
Apresentação	13
O Tricampeonato Mundial de 1970	15
A Copa Independência	19
O Desagravo	23
Os Dias que Antecederam ao Jogo	27
A Preliminar	35
Pós-Jogo	47
Nossos Craques	51
LUIZ CARLOS SCHNEIDER	53
VALDIR ATAUALPHA RAMIREZ ESPINOSA.....	55
ATILIO GENATO ANCHETA WEIGUEL	57
ELIAS RICARDO FIGUEROA BRANDER.....	59
EVERALDO MARQUES DA SILVA	61
JOSÉ LUIZ CARBONE	65
TOVAR ROMARIZ MACHADO	67
VITORINO LOPES GARCIA (TORINO).....	69
VALDOMIRO VAZ FRANCO.....	71
CLAUDIOMIRO ESTRAS FERREIRA.....	73
ALFREDO DOMINGO OBBERTI.....	75
ALVIMAR EUSTÁQUIO DE OLIVEIRA (MAZINHO).77	
APPARICIO VIANA E SILVA.....	79
Fontes de Pesquisa	81

Agradecimentos

Já publiquei alguns livros e os dediquei aos meus filhos Guilherme e Mateus Damian. Quero continuar dedicando qualquer trabalho que faça a eles que são as duas razões maiores da minha existência. Agora, acrescento em minha dedicatória meus três netos Bernardo, Felipe e Marcelo Damian, que me iluminam e tornaram minha vida mais feliz, mais emocionante, mais vibrante. Amo vocês meus filhos e meus netos.

Dedicatória

Quero agradecer a algumas pessoas a quem solicitei ajuda e que não pediram esforços para me atender. Guilherme Lunelli Damian, Daison Sant'Ana, Mateus Lunelli Damian, Osmar Rizzi, Cláudio Marcolin Zanatta e Ramon, funcionário do arquivo do jornal Correio do Povo. Meu muito obrigado.

Homenagem

Neste livro presto homenagem àqueles que me conduziram ao jogo, pagaram meu ingresso, dando a oportunidade para um menino ter o privilégio de um dia mágico. Ao meu irmão João Romeu Damian, um amigo incentivador, o primeiro que me levou a um estádio para assistir futebol ao vivo. Ao amigo Pedro Batista Nunes, um homem bondoso, popular, que passou sua vida ajudando aos necessitados. E, ao amigo Jesus Mendes Castanho Neto, o dono do carro e motorista, pessoa bem humorada e torcedor fanático do Sport Club Gaúcho. Infelizmente todos faleceram. Estão ao lado de Deus, vibrando comigo e torcendo pelo sucesso dessa obra de resgate histórico.

Apresentação

Quando se noticiou que a seleção brasileira de futebol havia concordado em jogar um amistoso contra a seleção gaúcha, formada por jogadores da dupla grenal, o mundo esportivo do Rio Grande do Sul se alvoroçou. A seleção tricampeã do mundo, prestes a disputar a Copa Independência, estaria se apresentando em solo gaúcho. E mais, passou-se a fomentar um clima hostil à seleção e principalmente ao técnico Zagallo, pela não convocação do lateral-esquerdo Everaldo, o único e o primeiro gaúcho a se sagrar campeão mundial, até então. Dizia-se que o jogo era um desagravo a Everaldo, por ter sido preterido entre os convocados para a Copa Independência.

Aqui em Passo Fundo, como não poderia deixar de ser, o falatório sobre futebol era também sobre este jogo. Eu tinha 16 anos de idade e procurava ler os jornais e ouvia os noticiários esportivos sobre o jogo e principalmente sobre nossa seleção. Na semana da partida eu estava com casa quando meu saudoso irmão mais velho, João Romeu Damian comentou que iria a Porto Alegre assistir ao evento e perguntou se eu gostaria de ir junto. Não precisou convidar duas vezes. Além de assistir ao maior jogo de futebol da história, visitaria meu pai, internado no Instituto de Cardiologia, fazia pouco mais de uma semana.

Na noite de sexta para sábado quase não dormi. Levantei cedo e lá pelas nove da manhã saímos no automóvel Aero-Willys do amigo Jesus Castanho, ex - proprietário do Bar Oásis, recentemente falecido. Castanho dirigindo, meu irmão Romeu, outro amigo, o inesquecível Pedro Batista Nunes e eu.

Ao chegarmos a Porto Alegre, passado do meio dia, conseguimos ingressos, com cambistas, de cadeiras numeradas. No entorno do Beira-Rio era uma multidão que impressionava. As rampas que davam acesso ao estádio, lotadas, pessoas se empurrando, outras correndo para outros portões. Era um caos.

Estávamos tentando entrar e a cada portão que tentávamos ascender ao estádio, ele se fechava. Os policiais militares tinham enorme traba-

lho para conter a turba que, com ingressos nas mãos, estava fadada a ficar do lado de fora. Inclusive nós. Foi quando um contingente de torcedores conseguiu “estourar” um portão da geral, a chamada “coréia”, atrás de uma das goleiras. Todos correram para dentro do estádio e também nós. Conseguimos. Estávamos lá dentro, com o ingresso na mão, de cadeira numerada, em pé, na “coréia”, atrás da goleira.

Era passar a tarde em pé, correndo de um lado para outro, quando alguém gritava “olha o mijo”, e lá de cima vinha um saquinho plástico, contendo o fétido e nojento líquido, que estourava no chão respingando em muitos que estavam próximos. Mas valeu a pena. Vi a seleção olímpica, de um garoto elegante, chamado Falcão, comandar mais dez garotos, todos menores de idade, mas com um futebol exuberante. Massacraram o Hamburgo, tradicional clube alemão, capitaneado pelo zagueiro da seleção, Schultz.

O jogo principal entre as duas seleções foi espetacular. Eu, um menino passo-fundense, xucro, percebi que diante de mim estavam Rivelino, Jairzinho, Paulo César, Zé Maria, Brito, Wilson Piazza, todos eles que dois anos antes, eu vi na televisão, em preto e branco, ganharem uma Copa do Mundo. Esses mesmos craques me fizeram vibrar, sorrir e chorar de alegria, ao baterem a Itália por inapeláveis 4 x 1. Frente a eles, uma zaga que talvez, na época, pudesse ser considerada a melhor do mundo e que esteve lado a lado naquela tarde de sábado carrancudo. Atilio Genaro Ancheta e Elias Ricardo Figueroa. Eu, em pé, cansado, correndo dos saquinhos indesejados, era um privilegiado. Era um menino feliz.

De volta a Passo Fundo, no domingo, eu só queria encontrar meus amigos e contar-lhes minha maravilhosa experiência, algo inacreditável tinha acontecido comigo. O jogo da minha vida, meu jogo inesquecível.

Passados, agora, 47 anos dessa epopéia, veio-me a idéia de transcrevê-la, para lembrar àqueles que também assistiram ao memorável jogo de futebol, àqueles que não tiveram a oportunidade de assisti-lo, e as gerações mais novas, que talvez desconheçam o que ocorreu naquela tarde de 17 de junho de 1972, sem a pretensão de me aprofundar em trabalho sociológico.

Hoje a tecnologia nos oportunizou a chegar mais facilmente e com rapidez às pessoas e aos meios de comunicação que noticiaram o jogo. Pesquisei vários jornais de todo o País e do Rio Grande do Sul.

Conseguí chegar à essas linhas, que suponho, irá agradar aos leitores e rememorar o acontecimento esportivo que se transformou numa “batalha” fora de campo, mas espetacular dentro dele.

O Tricampeonato Mundial de 1970

Após tornar-se bicampeão mundial, em 1958 e 1962, com um time descomunal, formado por craques fantásticos, como Didi, Nilton Santos, Pelé e Garrincha, os protagonistas, o Brasil imaginou que jamais perderia outra vez. Mas, a desorganização e a soberba, afundou a seleção na Inglaterra, em 1966.

De volta à terra, com os pés firmes no chão, a Confederação Brasileira de Desporto (CBD), resolveu, para 1970, no México refazer ao passos de 1958, quando formou uma comissão técnica completa e um tempo de preparação adequado.

Mas, para chegar ao México o Brasil teve que passar por fase eliminatória, contra outras seleções sul-americanas. A preparação, pós-1966, começou efetivamente, em 1968, tendo como comandante Aymoré Moreira, técnico campeão mundial de 1962. Porém, antes da fase eliminatória para a copa do mundo, Aymoré deixou o cargo, e, foi convidado substituí-lo, o jornalista gaúcho, radicado no Rio de Janeiro, João Alves Jobim Saldanha. Botafoguense, polêmico e militante comunista, em plena ditadura militar. João Saldanha montou sua seleção, numa espécie de combinado Santos-Botafogo, com alguns reforços e passou pelos seus adversários, Colômbia, Venezuela e Paraguai, ganhando todos os seis jogos, marcando 23 gols e sofrendo apenas dois. Entretanto, em março de 1970, dois jogos contra a Argentina, com uma derrota, no Gigante da Beira-Rio e uma vitória, no Maracanã, balançaram o cargo de Saldanha. A gota d'água foi o empate em 1 x 1, contra o Bangu, em Moça Bonita, num jogo-treino. Saldanha passou a ser questionado e respondeu, como era seu costume, de forma agressiva. A lenda conta que o Presidente da República, o gaúcho de Bagé, Emilio Garrastazu Médici, se encantara com os gols de Dario, centroavante do Atlético Mineiro, e pediu a Saldanha a sua convocação. O técnico da

seleção teria respondido: “Ele manda no ministério dele e eu mando na convocação da seleção brasileira”.

Antônio dos Passos, Coordenador da seleção, demitiu Saldanha às vésperas da preparação efetiva para a copa. Especulou-se Dino Sani, então técnico do Corinthians, como novo treinador. Mas a amizade da comissão técnica, formada também pelo preparador físico Admildo Chirol e pelo médico Lidio Toledo, com o técnico do Botafogo Mário Jorge Lobo Zagalo, foi preponderante para que o técnico bicampeão carioca, de 1967 e 1968, voltasse à seleção brasileira. Ele que já tinha uma história dentro dela, como bicampeão mundial, jogando como titular as duas competições, pela ponta-esquerda.

Zagalo fez nova convocação de jogadores para levar ao México. Na relação dos 23 chamados estava Everaldo, lateral-esquerdo do Grêmio, gaúcho de Porto Alegre, para a reserva de Marco Antônio, do Fluminense. Everaldo era um lateral marcador. Era exímio no desarme ao adversário, algo que treinava a exaustão. Conta-se que Everaldo colocava uma pequena toalha em cima da bola e dava o bote. A bola saía do lugar, mas a toalha simplesmente caía no gramado, no mesmo lugar em que a bola estava.

Na verdade desde 1967, nos primeiros amistosos do recomeço da seleção, após o desastre de 1966, Everaldo era chamado. Às vezes atuava na lateral-direita e, em outras, na esquerda. Sua estréia se deu na Copa Roca, em 1967, contra o Uruguai, junto com Altemir, Alcindo e Volmir, também do Grêmio e Sadi, do Internacional. Embora fosse um excelente marcador, Everaldo não tinha o mesmo desempenho no apoio ao ataque. A bem da verdade, a maioria dos laterais da época, eram mais marcadores. Foi nesse período que apareceram os laterais apoiadores, como Carlos Alberto Torres, na direita, Rildo e Marco Antônio, na esquerda.

Fora do futebol Everaldo era uma pessoa afável, introvertido, educado, de fino trato e trânsito com todos. Em campo também um gentleman, dificilmente apelava para a jogada mais brusca. Violência, então, nem pensar.

Everaldo então foi convocado para a reserva de Marco Antônio, do Fluminense. O Brasil realizou amistosos contra o Chile (duas vezes), Paraguai, Bulgária e Áustria, antes de viajar para o México. Em terras mexicanas realizou jogos-treinos contra o Combinado de Guadalar-

ja, Combinado de León e Combinado de Irapuato. Em todos os jogos oficiais e jogos treinos, o titular foi Marco Antônio, e, com exceção do treino contra o Combinado de Irapuato, Everaldo não entrou em nenhum momento no decorrer da partida. Nesse treino, Everaldo atuou no segundo tempo.

Foi então uma absoluta surpresa a escalação do Brasil, na estréia do mundial, contra a Tchecoslováquia, no dia 3 de junho de 1970, no Estádio Jalisco, em Guadalajara. Everaldo na lateral-esquerda titular e Marco Antônio, fora. O Brasil venceu por 4 x 1, com show de bola e atuação segura do jogador gremista. Como em time que ganha não se mexe, o Brasil continuou vencendo com Everaldo, o Gauchão, como apelidou o narrador Geraldo José de Almeida, impávido e colosso no lado esquerdo daquele magnífico e insuperável time.

Após golear a Itália, também por 4 x 1, na final, o Brasil vencia o tricampeonato mundial. Everaldo jogou todas e Marco Antônio desapareceu. Pouco antes do primeiro jogo, a imprensa especulou e divulgou várias possibilidades do por que o titular deixara o time. Uns disseram que ele tremeu, teria tido um ataque nervoso. A informação oficial dizia que Marco Antônio se lesionara. Anda não se sabe direito o que aconteceu, mas hoje se tornou irrelevante.

Everaldo, por sua vez, brilhou. Tornou-se o primeiro gaúcho a ser campeão mundial de futebol. Chegou a Porto Alegre, que parou para vê-lo desfilando em carro aberto, com uma verdadeira multidão a ovacioná-lo. Gremistas, principalmente, mas também os colorados se curvaram diante de um herói do futebol.

A Copa Independência

Em 1972, ainda na euforia do tricampeonato mundial e a posse definitiva da Copa Jules Rimet, a CBD, com o apoio do Governo Federal, instituíram a Copa Independência, comemorativa aos festejos do Sesquicentenário da Independência do Brasil. Esta competição também foi denominada como Minicopa.

A idéia inicial era convocar os jogadores que conquistaram a Jules Rimet, em 1970, até para prestar mais uma homenagem aos heróis do futebol. Evidentemente que ficariam fora aqueles que estivessem lesionados ou em má forma física, além de Pelé, o Rei do Futebol, tricampeão mundial, que havia se despedido da seleção brasileira.

Aliás, Pelé teve duas despedidas da seleção brasileira. A primeira, no dia 11 de julho de 1971, no Estádio do Morumbi, contra a Áustria. Houve empate em 1 x 1 e Pelé marcou o gol brasileiro. Pelé foi substituído durante o jogo por Paulo César Lima. A segunda despedida ocorreu no Estádio do Maracanã, no dia 18 de julho de 1971, e novamente o Brasil empatou. Desta feita com a Iugoslávia, em 2 x 2. Pelé não marcou gol e foi substituído por Claudiomiro, centroavante do Internacional. Nessas partidas atuaram, além de Claudiomiro, Zequinha (Botafogo), Eurico (Palmeiras) e Vaguinho (Corinthians), que não estiveram na Copa do Mundo de 1970.

Voltando a Minicopa de 1972. Não havia muita expectativa quanto à lista do técnico Mário Jorge Lobo Zagallo, que acumulava a mesma função no Flamengo. Apenas para esclarecimento, o técnico da seleção não era exclusivo como hoje. Afinal, acreditava-se que todos os campeões do mundo estariam nela. Exceção feita, repetindo, àqueles em má forma física ou lesionados. Além deles, o zagueiro Brito, um dos ícones de 1970, considerado o jogador melhor preparado fisicamente de todo o mundial. Ocorre que Brito havia agredido o árbitro José Aldo Pereira, ainda em 1971 e estava cumprindo suspensão de 180 dias, que terminaria no dia 18 de maio de 1972.

No dia 15 de maio de 1972, a comissão técnica da Seleção Brasileira, comandada por Zagallo, divulgou os nomes dos 22 selecionados. Félix (Fluminense) e Leão (Palmeiras) goleiros; Carlos Alberto Torres (Santos) e Zé Maria (Corinthians) laterais-direito; Brito (Botafogo), Vantuir (Atlético MG), Marinho Perez (Portuguesa) e Osmar (Botafogo) zagueiros; Marco Antônio (Fluminense) e Rodrigues Neto (Flamengo) laterais-esquerdo; Clodoaldo (Santos), Gerson (Fluminense), Rivelino (Corinthians), Wilson Piazza e Dirceu Lopes (Cruzeiro) meias; Jairzinho (Botafogo), Dario (Atlético MG), Tostão (Vasco da Gama), Rogério (Flamengo), Leivinha (Palmeiras), Paulo César Lima (Flamengo) e Washington (Guarani) atacantes. Alguns dias após foram cortados o lateral Carlos Alberto, por estar lesionado e, em seu lugar convocado Eurico, do Palmeiras; o zagueiro Osmar e o atacante Washington, que também figuravam na seleção olímpica. Em seus lugares, respectivamente, Luiz Carlos, do Corinthians e Lula, do Fluminense.

Entre os campeões mundiais faltaram: Ado, goleiro reserva; Baldochi e Joel, zagueiros que sequer entraram em campo no México; Fontana, que atuou na vitória contra a Romênia, mas estava encerrando a carreira; Roberto Miranda entrou no decorrer de dois jogos, contra a Inglaterra e Peru, mas estava lesionado, e, Edu, ponteiro-esquerdo do Santos, que também não jogou na Copa do Mundo. Além desses faltou Everaldo, lateral-esquerdo do Grêmio, titular absoluto em todos os sete jogos no México, e que seguia a carreira normalmente no tricolor gaúcho. Não estava machucado, não era reserva em seu clube, estava em excelente forma física, mas não foi chamado. Apenas ele, entre os titulares de 70, não foi chamado. Até mesmo Brito, suspenso por agressão ao árbitro, ainda faltando três dias para o cumprimento de sua pena, e, que não entrava em campo, para uma partida oficial há meio ano, estava na lista.

O espanto da imprensa esportiva, de torcedores e especialmente do povo gaúcho foi total. Zagallo, em princípio, não deu explicação para deixar fora Everaldo. Assim, a mídia passou a especular a razão para tal procedimento. O que mais se apregou foi que Everaldo estava velho para servir a seleção. Tese jogada no lixo quando se convocou Brito, com 33 anos e Gerson, com 31 anos. Everaldo tinha 28 anos de idade. Outra teoria é que Marco Antônio reserva de Everaldo na Copa estava em melhores condições físicas e era um jogador mais técnico que o gaúcho. Não era uma inverdade, mas, poderia ter convocado mais uma vez os dois e trocado a titularidade, se fosse o caso. Certamente

Everaldo merecia a convocação. Uma terceira tese foi a de que Zagallo teria uma afinidade e confiança maior em Rodrigues Neto, do Flamengo, clube que o técnico dirigia.

Para piorar Zagallo não chamou o centroavante Claudiomiro, do Internacional, que vinha sendo convocado com alguma frequência e estava em sua melhor forma física e técnica. Claudiomiro era um tanque, centroavante com o verdadeiro faro do gol, além de boa técnica e enfrentamento aos zagueiros adversários. E, para agravar ainda mais e acirrar as rivalidades regionais, o técnico convocou Vantuir e Dario, do Atlético Mineiro e Wilson Piazza e Dirceu Lopes, do Cruzeiro. Nessa época os estados do Rio Grande do Sul e Minas Gerais estavam emergindo para o futebol. Ainda não rivalizavam com Rio de Janeiro e São Paulo, mas competiam entre si para saber quem era a terceira força do futebol brasileiro.

Mas realmente o que mais pasmava os torcedores era Everaldo. O jogador gaúcho mostrava a determinação, a garra a lealdade e a concentração do lateral-esquerdo que barrara o titular Marco Antônio.

No dia da convocação e os subseqüentes o foco da imprensa estava em Everaldo, que elegantemente, como era seu costume, afirmou, ao jornal O Globo: “Zagallo deve ter suas razões para proceder assim, pois é um profissional competente e honesto. Se precisar de mim outra vez, pode contar comigo”.

Após o “clássico do desagravo”, que a seleção brasileira reputou como um real teste, o escrete canarinho entrou diretamente na fase dos quadrangulares semifinais da Minicopa. Empatou com a Tchecoslováquia, sem abertura de placar; venceu a Iugoslávia, por 3 x 0 e a Escócia por 1 x 0. Como campeã do grupo A se defrontou com Portugal, campeão do grupo B. Foi um jogo arrastado, monótono, mas aos 44 minutos do segundo tempo Jairzinho marcou o gol da vitória e, por consequência, do título da Copa Independência. O País inteiro vibrou com mais uma conquista, inclusive o povo gaúcho.



O Desagravo

Desagravo (substantivo masculino) significa: “reparação de afronta ou injúria”. Assim os gaúchos reagiram a não convocação de nenhum representante do nosso futebol para a disputa da Copa Independência. A CBF e a comissão técnica da seleção brasileira, encabeçada por Zagallo, afrontaram e injuriaram o povo gaúcho.

A atitude da comissão técnica da seleção brasileira desencadeou uma reação imediata da gauchada. Exatamente como afirmou o Professor Cesar Augusto Barcellos Guazzeli, no site revistadehistoria.com.br: “Esta crise trouxe à baila a idéia de um Rio Grande do Sul sempre esquecido, relegado a um segundo plano do futebol brasileiro, e que, no entanto, sempre cumprira a sua parte quando lembrado. A “afronta” ao tricampeão Everaldo ganhava foros de ofensa a todos os rio-grandenses...”

Enquanto a seleção brasileira se preparava para a Minicopa, que, diga-se de passagem, estava em pleno andamento, com jogos das fases iniciais, Rubens Freire Hofmeister, Presidente da FGF, com bom trânsito junto a CBD, arquitetava uma desforra. Hofmeister era um homem polêmico, às vezes truculento, que não levava desaforo para casa. Fora um razoável, mas aguerrido ponteiro-direito do Internacional, Grêmio e Cruzeiro de Porto Alegre. Na função de dirigente esportivo foi um ousado presidente do Esporte Clube Cruzeiro. Segundo o jornal Folha da Tarde, ao ler sobre a convocação da seleção brasileira para Copa Independência, Claudiomiro, em conversa informal, disse: “gostaria de houvesse um jogo da seleção contra os gaúchos. Provaríamos que nosso futebol é bom e não merece essas injustiças de não ter ninguém convocado, nem mesmo Everaldo, que foi campeão mundial”.

Hofmeister não titubeou. Contatou com o Presidente da CBD João Havelange e lançou o desafio. Um jogo entre a seleção gaúcha contra a seleção brasileira, para testar o time que entraria diretamente na fase de oitavas de finais da Minicopa. A principal razão de convencimento para que o jogo se realizasse foi o caráter beneficente. Toda a renda seria distribuída às instituições de caridade. O vice-presidente da

CBD Silvio Pacheco, ao receber a nota oficial da Federação Gaúcha de Futebol, se manifestou contrário ao jogo, assim como a comissão técnica. O supervisor Cláudio Coutinho, se pronunciou afirmando que a comissão técnica não fora consultada. O acordo para a partida ocorreu no dia 12 de junho, uma segunda-feira, para que se jogasse no dia 17 de junho, um sábado.

O jornal Folha da Tarde, de Porto Alegre, edição do dia 13 de junho de 1972, em sua página 29, caderno de esportes, lançou a seguinte manchete: “Gaúchos e Brasileiros, para lotar o Beira-Rio”. O sub-título: “Para solucionar o problema da não convocação de Everaldo, agravado com declarações de “antibrasilidade”, de Havelange, Hofmeister havia sugerido a CBD uma partida para “lavar a alma gaúcha”. Ela foi confirmada, inesperadamente, para o sábado”.

Segue a matéria dizendo: “O Presidente Rubens Hofmeister estava ontem ao meio-dia em Curitiba, resolvendo problemas da Copa Atlântico, quando recebeu telefonema de João Havelange, confirmando, inesperadamente a chegada da delegação brasileira sexta-feira para enfrentar o combinado gaúcho, sábado a tarde no Beira-Rio. Ninguém acreditava que este jogo pudesse acontecer. Hofmeister teve uma reunião de três horas com Havelange e Abílio de Almeida, em Recife, na sexta-feira. A CBD havia, em principio, negado esta possibilidade, pelo clima de guerra existente. Diz Hofmeister: “Havelange estava envenenado, por isso não concordava com a idéia. Depois de muita conversa conseguimos convencê-lo de que nada aconteceria”.

A Federação destinará toda a renda para o Governo do Estado, para distribuição para instituições de caridade. Este acerto foi realizado entre Hofmeister e o Vice-Governador Edmar Fetter.

Enquanto isso a comissão técnica da seleção brasileira e alguns de seus dirigentes negavam a realização do jogo. Conforme o jornal Folha da Tarde publica em matéria do dia 14 de junho de 1972: “A comissão técnica da CBD não mudou de opinião. Ontem o supervisor Cláudio Coutinho, ainda em Belo Horizonte desconhecia o jogo, dizendo que dificilmente aconteceria. Silvio Pacheco, um dos vices-presidentes da CBF, afirmou que não mudou de opinião: “Os gaúchos certamente entenderão nossas razões. É um povo bom e que sempre colabora conosco”. Mas, João Havelange, talvez seguindo a lição do próprio Silvio Pacheco, precisou trair alguns amigos, para beneficiar outros, uma nova aplicação da velha tática das outras compensações.

Continuando a mesma matéria: Desta vez, o beneficiado foi Rubens Homeister, que tinha sido traído na vez anterior. Assim, ele está se reabilitando nacionalmente. Isto explica a necessidade que teve ontem à tarde de divulgar para todos os jornais o telegrama mandado por Havelange: “peço querido amigo e presidente dar conhecimento ao Exmo. Governador Euclides Triches da decisão da Presidência da CBD, a realização do jogo entre a seleção brasileira contra o combinado gaúcho, além da seleção olímpica contra o Hamburgo da Alemanha, e que toda a renda reverterá às entidades beneficentes do Rio Grande do Sul. Cordiais Saudações. João Havelange”.

Assim, em poucos dias, e de forma autoritária, contrariando seus pares, o Presidente Havelange confirmou o jogo, que, para Rubens Homeister servia de desagravo, principalmente a Zagallo, pelo menosprezo ao jogador gaúcho, em especial ao tri-campeão Everaldo Marques da Silva.

Os Dias que Antecederam ao Jogo

Restavam poucos dias para o sensacional jogo acontecer. No Rio Grande do Sul, mas, especialmente em Porto Alegre, foi uma ebulição. Só se falava nisso. O estádio Gigante da Beira-Rio há pouco mais de três anos inaugurado, começou a ser preparado para o evento. A FGF suspendeu a rodada do campeonato gaúcho. Nem mesmo os jogos no interior ocorreram. E, Rubens Hofmeister imediatamente convidou Apparício Viana e Silva, para convocar e dirigir o time. Apparício estava em Curitiba, como jornalista, para cobrir jogos da Minicopa.

Apparício, com dois pes, tinha sido técnico de futebol. Treinara o Grêmio, Cruzeiro, Nacional, São José, Força e Luz, todos de Porto Alegre, Juventude e Flamengo de Caxias do Sul, e clubes argentinos, entre outros. Era do tipo bonachão, bem humorado, amigo de todos. Na época não estava dirigindo nenhum clube. Sua atividade era a de jornalista. Escrevia colunas sobre futebol em jornais da Capital. Entre 1969 e início de 1970, era assessor técnico de João Saldanha, na seleção brasileira. Deixou o cargo junto com a comissão técnica, pouco antes da Copa do Mundo.

Com carta branca da Federação e dos clubes, Apparício divulgou a sua lista de convocados para o jogo amistoso. Apenas jogadores da dupla grenal. Schneider (Internacional) e Jair (Grêmio) goleiros; Espinosa (Grêmio) e Cláudio Duarte (Internacional), laterais-direito; Anчета, Beto Bacamarte (Grêmio) Figueroa e Bibiano Pontes (Internacional) zagueiros; Everaldo (Grêmio) e Edson Madureira (Internacional) laterais-esquerdo; Carbone, Tovar, Paulo César Carpegiani e Bráulio (Internacional) Negreiros e Torino (Grêmio) meias; Valdomiro e Claudiomiro (Internacional) Flecha, Mazinho, Oberti e Mickey (Grêmio) atacantes. Rigorosamente 11 jogadores de cada clube. Além de sua comissão técnica, composta pelos assessores, Vitor Coronel da Costa e

Luiz Carlos Alvim; tesoureiro Seldon Fritz Hofmann; preparador físico Mário Doernt; massagistas Alvaci Almeida (Banha) e Antenor Moura e, roupeiros: Antônio Rosa e Hélio Santos.

Houve treinamentos no Beira-Rio que teve público de jogo e enorme interesse da imprensa esportiva. Jornais e rádios de todo o País mandaram repórteres cobrir os treinos da seleção gaúcha, que alguns quiseram diminuir para combinado grenal. Entrevistado pelo jornal O Globo, um torcedor colorado afirmou: “Não esperem aplausos para o time de Zagallo depois do que ele fez com o Everaldo e o Claudiomiro. Os gaúchos têm que ganhar este jogo e a torcida vai ajudar como puder”.

Percebendo o clima tenso e nervoso, Apparício pedia calma e respeito à seleção brasileira: “Peço a todos o máximo de respeito. Estamos aqui para ajudar a seleção brasileira”. Everaldo o mais procurado, não queria saber de entrevistas: “Eu não quero falar mais nada sobre este jogo. Se eu pudesse sumiria daqui”.

Em entrevista ao jornal Folha da Tarde do dia 14 de junho, Apparício Viana e Silva falou sobre a relevância da partida, sobre as dúvidas na escalação e sobre o sistema de jogo que irá implantar. Alguns trechos da entrevista: “Se eu fosse Zagallo não aceitaria jogar contra a seleção gaúcha. Eles terão a obrigação de vencer e isto é muito difícil”. “Politicamente a realização do jogo é correta, pois diminui um pouco aquela onda que existe com a não convocação do Everaldo e as declarações do Havelange”. “Gostaria que a torcida entendesse o espírito da coisa. Não vamos entrar em campo pelo revanchismo. Vamos testar a seleção brasileira, e, claro, se possível vencer”. “Everaldo e Claudiomiro terão a oportunidade, mais uma vez, de mostrar seu valor, eles que foram injustiçados, pela não convocação”.

Sobre as dúvidas na escalação: “Na lateral direita ainda tenho dúvidas. Espinosa é meu preferido, mas retorna de lesão. Quero ver como se comporta nos treinos. Caso contrário, entrará Edson Madureira. No meio de campo Paulo César seria o titular, mas no amistoso contra o Uruguai, Tovar jogou muita bola e a tendência é que eu o mantenha como titular”.

Sobre o sistema de jogo: “A movimentação é o segredo. Sabemos que a seleção brasileira cadencia o jogo, portanto se mexem menos que nós. Nossa arma será recuar quando estamos sem a bola, e, com ela, partirmos com velocidade para cima, com muita movimentação dos homens do meio e de frente”.

Antes do último treino a preleção de Apparício foi de aproximadamente 20 minutos, mas, entrou em cena Rubens Hofmeister para dar seu recado. Falou por mais de uma hora para uma platéia de jogadores tediosos. O tema: Paz, nada de violência em campo. Ora, os jogadores, a sua grande maioria experientes, jamais levariam, como efetivamente não levaram, o clima da torcida para dentro de campo. Hofmeister tinha seus predicados. Era um homem corajoso e empreendedor, mas ela iletrado. Começava a falar e não sabia concluir seu pensamento. Um dos jogadores, não identificado, disse ao jornal Folha da Tarde: “Estou me sentindo todo duro de tanto ficar sentado ouvindo um assunto que não me interessa”. Aconteceu de tudo naquela semana.

Os personagens do jogo eram Everaldo e Claudiomiro. Afinal, se eles tivessem sido convocados, ou um deles, ao menos, esta partida não se realizaria. Portanto, a imprensa esportiva, ávida por notícias “quentes”, procurava insistentemente os dois jogadores. Com temperamento opostos, Everaldo procurava falar pouco e dar declarações contidas. Por outro lado, Claudiomiro era adrenalina pura. Por exemplo, Everaldo: “Eu não quero falar nada sobre este jogo, principalmente de mim. Vocês estão me procurando para falar sobre mim. Amanhã vem o pessoal de Rio e São Paulo, com as mesmas perguntas. Desde que a seleção foi convocada o assunto é Everaldo. Eu não gosto muito de falar, agora muito menos”, em entrevista a Folha da Tarde.

Já Claudiomiro: “Cada um lutará pela camisa que veste principalmente nós. Precisamos provar que nosso futebol não é insignificante, como eles estão pensando. Nós fomos injustiçados”. Ou então: “Para mim e para o Everaldo a partida será muito importante. Estamos motivados e vamos mostrar futebol. Vamos jogar tranquilos, pois quem tem a obrigação de vencer são eles”.

Enquanto isto a seleção brasileira realizava partida amistosa contra o Hamburgo da Alemanha, no Mineirão. Jogando um futebol burocrático, sem se expor demais o Brasil venceu com tranquilidade por 2 x 0, gols de Rivelino e Gerson. Porém, a torcida mineira que lotou o estádio vaiou o selecionado. Para tentar aplacar a ira mineira fez entrar em campo o centroavante Dario, em lugar de Leivinha, mas não o suficiente para calar a irritação. No final do jogo Gerson desabafou ao repórter do jornal O Globo: “Não somos palhaços e merecemos respeito e mais consideração do povo brasileiro. Isto tem que acabar. Ou a torcida compreende e acaba com esse negócio de regionalismo ou os jogadores

irão recusar as convocações. Tomara que a torcida gaúcha não repita o que a mineira fez”. Meu Deus. O Canhotinha de Ouro não sabia o que esperava a seleção canarinho.

Em sua coluna no O Globo o jornalista e ex-treinador da seleção brasileira, João Saldanha, escreveu: “Sem entrosamento a seleção ganhou fácil do Hamburgo, mesmo com o nervosismo causado pelas vaias da torcida mineira que não eram justificadas. Mas, mais injustificável foi a inclusão de Dario, em lugar de Leivinha. Ao jogador nada poderia fazer. Foi aberto um perigoso e grave precedente. E se em Porto Alegre a torcida começar a gritar o nome de Everaldo? Vão mandar ele trocar de time? Pois certamente estará na seleção gaúcha, eu presumo”.

O mesmo jornal O Globo publicou em sua edição do dia 15 de junho, as opiniões de pessoas ligadas a dupla grenal e do técnico Apparácio Viana e Silva.

“No lugar do Zagallo eu não aceitaria este jogo. Não existe predisposição de revanche de minha parte e nem dos jogadores. Mas a seleção terá obrigação de ganhar e isso será difícil” (Apparácio Viana e Silva).

“Eles estão treinando e nós vamos jogar. E como é importante mostrarmos a todos que temos bons jogadores. A seleção terá que se esforçar muito. Se jogarem como nos últimos dois jogos será difícil ganhar da seleção gaúcha” (Dino Sani, técnico do Internacional).

“Chegou a hora de hastear a bandeira branca. Os jogadores estão magoados por causa de alguns colegas que não foram convocados. Tem a maior motivação para lutar pela vitória. Mas serão honestos e disciplinados como pedimos que o sejam. As reações das torcidas, entretanto, são imprevisíveis. Acredito que a seleção brasileira não deva esperar aplausos da arquibancada”. (Paulo Marsaj de Oliveira, Vice-Presidente do Grêmio).

“A preocupação de João Havelange permitindo esse jogo é justamente diminuir as queixas dos gaúchos. Mas nós, apesar de tudo, nunca deixamos de colaborar com a CBD e o futebol brasileiro. Este amistoso deve servir para aumentar nossas relações”. (Gildo Russowski, Vice-Presidente do Internacional).

Matéria publicada no jornal Folha da Tarde, de Porto Alegre, com opiniões dos jogadores convocados, em relação ao jogo:

“Vamos mostrar que os jogadores gaúchos têm condições de integrar a seleção brasileira. Este jogo pode ser um treino para eles, mas nós entraremos em campo para mostrar serviço”. Incitado pelo jornalis-

ta falou: “Pode haver guerra porque os gaúchos ainda não esqueceram a não convocação de Everaldo. Acho que tudo depende como estiver o jogo”. (Torino, meio campista do Grêmio).

“Nós temos que jogar com categoria. Não adianta pensar em guerra, pois aí o time se perde todo. O negócio é jogar futebol” (Espinoza, lateral do Grêmio).

“Neste jogo todos os brasileiros conhecerão o meu futebol. Será uma boa promoção para mim e para os gaúchos. Além disso, será emocionante para mim enfrentar a seleção brasileira, tri-campeã mundial”. (Oberti, atacante do Grêmio).

“Temos que mostrar a todo o Brasil que nosso futebol é bom, e que Everaldo e Claudiomiro mereciam a convocação”. (Paulo César Carpegiani, meia do Internacional).

“O Zagallo e os caras da comissão técnica não estarão ligando para o que nós jogarmos contra eles e a partida não mudará a situação que se formou até aqui. Não há um único gaúcho convocado para a seleção brasileira. Pois continuará não havendo mesmo que nosso futebol seja fantástico, no sábado”. (Carbone, centromédio do Internacional).

“Acho que falta disposição a esta equipe (se referindo a seleção brasileira). O Gérson sempre orientou o time, liderou os jogadores e ultimamente não está fazendo nada disso. Fica parado todo o tempo. Quero ver o que acontece quando “eles” pegarem um time rápido, que combata em todos os setores do campo como o nosso. Tenho certeza de que não jogarão”. (Elias Figueroa, zagueiro do Internacional, em nítida provocação).

Para piorar o clima para a seleção brasileira Zagallo afirmou ao O Globo: “Só estou estranhando que o combinado gaúcho será treinado por um jornalista”, referindo-se a Apparício. Parecia ser alusão a João Saldanha, a quem Zagallo sucedeu, e que era jornalista. Ao que Apparício respondeu: “Nós jornalistas temos condições de dirigir um time. Ademais, Zagallo não lembra, mas em 1953, eu já treinava o Grêmio, e, contra o Flamengo, enquanto ele jogou a preliminar num time de aspirantes”.

Sobre a mesma polêmica, o jornal Correio do Povo, edição de 15 de junho, publicava a resposta de Apparício: “Sou jornalista porque os times que quero treinar não me convidam, e, os outros que não quero estão sempre me convidando. Isto não quer dizer que eu não seja técnico de futebol”. Continuando: “Há 20 anos este jornalista era técnico

do Grêmio e Zagallo juvenil do Flamengo. Este jornalista viu Zagallo jogar e foi falar com o presidente do clube Gilberto Cardoso, para liberá-lo para o Grêmio, o que ele não concordou”.

Nas páginas dos jornais a atmosfera também era de beligerância. Num jornal de Porto Alegre estava escrito: “Somos um País inimigo neste momento em que Jean Marie e Zagallo negaram nosso espírito de brasilidade. Foi declarada guerra e nós torcedores vamos a ela com fúria”.

Na chegada da seleção brasileira no Aeroporto Salgado Filho, quase ninguém foi receber os campeões mundiais. A Federação e os clubes organizaram uma recepção com algumas moças vestidas com camisas amarelas que levaram flores aos atletas e a comissão técnica. Em ônibus rumaram ao Hotel Everest, no centro da cidade, onde estavam apenas pouco mais de meia dúzia de pessoas, que demonstraram desprezo à delegação nacional. O próprio sistema de segurança aos brasileiros tornou-se inócuo, ante a indiferença do público.

Paradoxalmente a esta indiferença com a seleção brasileira, o público estava eufórico com a seleção gaúcha. Havia tensão nas ruas e em especial nos postos de venda de ingressos, em casas lotéricas, em postos de combustíveis e numa Kombi do Internacional, estacionada no Largo dos Medeiros.

Everaldo se escondia das entrevistas, mas Carbone falou sobre o jogo: “Temos todas as condições de ganhar o jogo, ainda mais que Gerson não jogará. Perde muito a seleção brasileira, sem seu cerebral jogador”, referindo-se a ausência, no jogo, do craque do Fluminense.

Na seleção brasileira o mais procurado era Marco Antônio, que substituiu Everaldo e a pergunta era sempre a mesma: Porque Everaldo não foi convocado? Irritado o jogador respondia: “Esse jogo aqui em Porto Alegre era tudo o que eu esperava. Vou provar para todos que não tremo e que sou titular”.

A insistência da mídia esportiva com o técnico Zagallo era, evidentemente, sobre o esquecimento de Everaldo. Cansado e algo irritado, o técnico respondeu: “Não convoquei Everaldo, em razão de uma alteração tática que fiz no time”. Encerrando definitivamente o assunto.

O jornalista Cid Pinheiro Cabral, em sua coluna chamada “Fora das Quatro linhas”, publicada no jornal Folha da Tarde, em um dos tópicos aproveitou para desabafar e ironizar contra o influente dirigente da CBD Antonio do Passo, embora sem citar seu nome. Disse na íntegra:

“Creio que, a esta altura, se os gaúchos guardam uma boa reserva de vaias e explosões de repúdio, elas se devem voltar, acima de tudo, para um certo grupinho que se acomodará nos lugares de honra do Beira-Rio. Ele parece que será chefiado por uma figurinha de estatura média, muito bem cuidada, de bigodinho aparado e uma semelhança física e me parece também íntima, com aquela tradicional da caricatura nacional. Me refiro ao “amigo da onça”. Aliás, fisicamente é na aparência total, uma mistura com o tal “amigo”, com aqueles tradicionais bonequinhos que enfeitam bolo de casamento. É o mesmo, vocês sabem, que no episódio Saldanha, em 1970, batendo no ombro do conterrâneo de Alegrete, lhe dizia: “morreremos abraçados”. E, em seguida, entrando Zagallo, dava a mesma batida no ombro, mas com a frase diferente: “caminharemos juntos”. Seu nome? Para que dizer? Quem não sabe?”.

A preocupação do Comando da Brigada Militar era, especialmente, com a organização do trânsito. Para quem se dirigisse ao Beira-Rio, do centro da cidade, tinha que tomar a Borges de Medeiros, depois a Avenida Praia de Belas, desviar para a Aureliano de Figueiredo Pinto, mais larga do que a Avenida Ipiranga, retornar à Borges de Medeiros, até o estádio. No retorno, saída pela Dr. Campos Velho, para evitar acúmulo na Padre Cacique. Foi fechado o viaduto, interditadas sinaleiras e ruas, enfim o trânsito de Porto Alegre virou um caos durante aquele dia.

A nota triste para todos os jogadores e a população brasileira foi a morte da atriz Leila Diniz, em acidente aviatório, em Nova Deli, na Índia, no dia 14 de junho de 1972.

Certamente a população do Rio Grande do Sul viveu dias mais tensos e explosivos no Movimento da Legalidade, por exemplo. Mas, os dias que antecederam ao embate futebolístico Rio Grande do Sul x Brasil, foram de aflição, inquietude, angústia e nervosismo.

A Preliminar

1972 foi ano de Olimpíada, em Munique, Alemanha. O Brasil atrás de sua primeira medalha, que já era uma obsessão. Apenas para registro a primeira medalha olímpica veio para o País, em 1984, a medalha de prata, sendo a base da seleção, o time do Internacional. O ouro continuou sendo obsessão, até 2016, quando o Brasil o conquistou.

Assim formou-se a seleção olímpica, com jogadores menores de 20 anos de idade. A safra brasileira era muito boa e o técnico Antoninho, que dirigira o Santos, tinha nas mãos jogadores como Zico, Roberto Dinamite, Enéas, Falcão, Dirceu, Carlos Alberto Pintinho e outros grandes jogadores, que recém eram promovidos em seus clubes, ao time principal. Para a Olimpíada Antoninho abriu mão de Zico e de Dinamite e Falcão foi reserva. O Brasil perdeu dois jogos e ganhou um, caindo ainda na primeira fase.

Mas, naquele 17 de junho de 1972, a seleção olímpica, em preparação, fez a preliminar, contra o Hamburgo, da Alemanha, do jogo principal entre gaúchos x brasileiros. Nos jogos anteriores os olímpicos haviam perdido para a seleção principal por 2 x 1 e empatado contra o Atlético Mineiro, sem abertura do placar. Este jogo foi a preliminar de Brasil x Hamburgo, no Mineirão, quatro dias antes do jogo do Beira-Rio.

Com o clima hostil dos torcedores gaúchos, temeu-se que também fossem vaiados os meninos. Para tentar aplacar a histeria contra os brasileiros, o Hamburgo jogou de vermelho, para homenagear o Internacional. Uma banda marcial adentrou o gramado entoando a música “Prá Frente Brasil”, o hino nacional da Copa de 1970 e onze lindas garotas vestindo camisas amarelas e shorts azuis desfilaram atrás da banda, dando a volta em redor do gramado. Sob alguns aplausos e muita indiferença, banda e meninas deixaram o campo de jogo.

Entre os convocados para a seleção olímpica, três colorados: Falcão, Manoel, centroavante forte, de técnica e discernimento na área, com futebol parecido ao de Claudiomiro, além do ponteiro-direito Pe-

drinho, habilidoso no drible, ágil e veloz. Do Grêmio, o misto de ponta e lateral-esquerdo Bolívar, também jogador técnico, mas um pouco lento para a posição. Bolívar se deu melhor no decorrer da carreira, como quarto-zagueiro. Quando a seleção foi divulgada pelos alto-falantes, o locutor fez questão de anunciar que Bolívar não entraria em campo por estar lesionado. Tudo para não melindrar a torcida gremista.

Os mais de cem mil torcedores que estavam no Beira-Rio surpreenderam-se e encantaram-se com o futebol espetacular da seleção olímpica, especialmente na primeira etapa. O Hamburgo não era um time desprezível a vendeu caro a derrota por 2 x 0, para a seleção principal, poucos dias antes. Seu zagueiro era Willi Schulz, que defendeu sua seleção, vice-campeã mundial em 1966. Desde os primeiros minutos os meninos passaram em campo. Falcão, comandando o meio de campo exalava categoria, com passes precisos, dribles desconcertantes. Washington, um ponta de lança revelado no Guarani de Campinas, deu show de habilidade, toques refinados na bola, dribles que fascinaram e velocidade. Quando toda a imprensa procurava o substituto de Pelé, que deixara a seleção e também estava se despedindo do futebol, Washington foi o primeiro “eleito” para tal. Esta carga demasiadamente pesada possivelmente tenha prejudicado a promessa de craque que nunca se confirmou. Mas, naquela tarde, ele encantou. Pedrinho passava fácil pelo seu marcador Ripp, Dirceu realizando a função que Zagallo também realizou como um ponta-esquerda de recuou, que ajuda na armação das jogadas, também brilhou. Enfim, todos os jogadores jogaram em alto nível. Eram decorridos 11 minutos e a seleção já tivera três oportunidades de gols. Ao tentar cortar um cruzamento perigoso, o veterano Schulz, marcou contra. Aos 20, Falcão aumentou para 2 x 0. George Volker descontou aos 35, mas quatro minutos após Washington, em jogada individual espetacular fez 3 x 1, e, aos 43, Falcão marcou o quarto gol, para logo após, encerrar o primeiro tempo.

Os torcedores estavam extasiados com o que viram e torceram desbragadamente pelos olímpicos. Na segunda etapa o time brasileiro administrou, foram realizadas substituições e caiu o rendimento. Foi o que bastou para os torcedores se incomodarem e passassem a não dar mais importância ao jogo preliminar. Até alguns arremedos de vaías ecoaram no estádio. No final, 4 x 1 para a seleção olímpica.

A ficha técnica deste jogo foi a seguinte: Brasil com Nielsen (Fluminense), Terezo (América RJ), Abel Braga (Fluminense), Osmar

Guarnieli (Atlético MG) e Celso (Palmeiras); Rubens Gálaxie (Fluminense) depois Fred (Palestra BA) e Falcão (Internacional); Pedrinho (Internacional) depois Nilson Dias (Botafogo), Washington (Guarani), Manoel (Internacional) depois Zé Carlos (Santa Cruz PE) e Dirceu (Coritiba). Técnico Antônio Ferreira (Antoninho). O alemão Hamburgo, com Ozcan, Nogly, Willy Schulz, Manfred Kalz e Hans Ripp; Memmering e Franz Hönnig; Björnmose, Klaus Winkler, Zaczyk e George Volker. Técnico: Klaus DieterOchs. O árbitro foi José de Assis Aragão, da Federação Paulista.

Que Jogão de Bola

Que jogão de bola. As seleções gaúcha e brasileira, a par do que acontecia fora das quatro linhas, realizaram um jogo de futebol digno para ficar na história. Talvez pela rivalidade que se criou, mas muito pela qualidade dos jogadores. A seleção gaúcha com pouco treinamento e quase nenhum entrosamento se superou pela técnica admirável de seus atletas.

Duas manchetes do jornal Folha da Tarde, edição de 17 de junho, dia do jogo, estampavam: “Vá torcer por 11 gaúchos. Eles ficaram sozinhos para defender nosso futebol”. Era um apelo quase dramático à torcida. A outra vinha do técnico Zagallo, com relação a Everaldo Marques da Silva: “Vou procurar o Everaldo e lhe dar um abraço de amigo. Ele merece”. O técnico teria se arrependido de ter provocado toda esta celeuma? Bastaria tê-lo convocado e nada disso estaria acontecendo.

O miolo de zaga composto por Ancheta e Figueroa, dois dos maiores zagueiros do mundo. Ancheta, eleito o melhor zagueiro da Copa de 1970. Figueroa, eleito, várias vezes o melhor zagueiro das Américas. Everaldo, campeão do mundo. A eficiência de Espinosa, na marcação, os combativos Carbone e Tovar. O passe preciso e elegante de Torino. A velocidade e o cruzamento perfeito de Valdomiro. Claudiomiro, homem gol, trombador e técnico ao mesmo tempo. Oberti, símbolo de raça e sentido coletivo do jogo. E, na meta o arrojado e seguro Schneider. Apparício colocou em campo um timaço.

Na seleção brasileira muitos dos campeões mundiais e craques excepcionais como Rivelino, Paulo César Lima e Clodoaldo. Três fenômenos da bola. Além deles, o goleiro Leão, que dispensa qualquer comentário. A força e determinação do super Zé Maria. A zaga forte, combativa, porém, desentrosada, formada por Brito e Vantuir e na lateral-esquerda, Marco Antônio querendo provar seu valor. A categoria de Wilson Piazza e Clodoaldo no meio de campo, composto também por Rivelino. O ataque tinha Jairzinho, o Furacão da Copa, artilheiro, um quase Garrincha. Leivinha, que não era um número nove, mas com

oportunismo e mortal cabeceio, era um contumaz artilheiro. E, Paulo César Lima, um craque fenomenal, que naquela tarde foi decisivo para a seleção brasileira buscar o resultado de igualdade.

Os torcedores que haviam sido brindados com show de preliminar estavam em estado de extrema ansiedade para o jogo. Por outro lado, cansados pela espera de cinco horas, sentados e espremidos na arquibancada de cimento em um estádio muito desconfortável. Pouco antes das cinco horas da tarde, o alto-falante do estádio anunciou as escalações. Quando eram ditados os nomes dos jogadores gaúchos um misto de aplausos e vaias. Os colorados vaiavam os nomes gremistas e vice-versa. Apenas Everaldo foi aplaudido por todos. Mas, quando o locutor anunciou: “A seleção brasileira irá a campo, com...”, as vaias eclodiram em altos decibéis. Colorados e gremistas sentados lado a lado ergueram apenas a bandeira verde, amarela e vermelha e o estádio deixou de ser um espaço lúdico para se transformar numa arena em que se extravasaram os mais primitivos instintos.

Exatamente às 17 horas os dois times entraram juntos em campo. Everaldo puxando o grupo rio-grandense e Brito, à frente da seleção brasileira. Com os jogadores, mais uma vez a banda marcial adentrou ao gramado entoando a marchinha “Prá Frente Brasil”. As lindas garotas atrás da banda foram aplaudidas, certamente pela beleza física que apresentavam. Mas, ao abrirem uma faixa com os dizeres “Salve a seleção”, todos os devaneios que os torcedores tiveram com as moças, por alguns instantes, se transformaram em apupos e impropérios. Os jogadores ainda aqueciam quando duas faixas apareceram na arquibancada. Diziam: “Jean Marie, o Brasil termina no Chui” e “É sem gaúchos na guerra das peladas”.

O árbitro francês Robert Héliés, na época considerado o melhor do mundo, apitou o início do jogo com os gaúchos tocando na bola. Logo a bola foi lançada por Everaldo para Oberti, este tocou para Claudiomiro que a devolveu. Oberti foi a linha de fundo, e quando Brito saiu na cobertura, o argentino cruzou a bola alta e colocada para o meio da área. Quase na marca do pênalti, entrou como um míssil o centromédio Tovar que, saltando de peixinho para a bola, cabeceou desviado para dentro do gol. Eram decorridos apenas três minutos de jogo e o estádio explodiu. Os jogadores gaúchos foram abraçar Everaldo. Tovar correndo com os braços abertos era o símbolo da revanche, da desforra, do desagravo.

Nas arquibancadas era uma loucura total. Todos pulavam se abraçavam e gritavam, mas ninguém ousava sair de seu lugar, sob pena de não conseguir mais retornar. Os garçons que venderam uísque de forma exorbitante deixaram o trabalho um pouco de lado e se abraçavam mesmo atrapalhados pelos seus tabuleiros. Até mesmo os brigadianos que estavam à beira do gramado comemoravam como o mais comum dos torcedores. O que provocou a ira de Zagallo e seu banco de reservas. Um dos muitos locutores de rádios que transmitiam o jogo gritou em alto e bom som: “Quem são esses caras de camisa amarela?”

A partir do gol gaúcho o jogo se transformou num dos mais belos espetáculos de futebol já visto no Rio Grande do Sul. Um jogo altamente ofensivo, veloz, com jogadas de muita técnica. O caderno de esportes do Correio do Povo, edição do dia 18 de junho de 1972, descreve o jogo: Logo após o gol, a seleção brasileira respondeu numa bela jogada ofensiva, parada somente com falta na entrada da área. Rivelino chutou com força e a bola ganhou defesa na barreira. No lance seguinte os gaúchos buscaram o ataque com Oberti que cruzou para a entrada da área, para Torino que chegou um pouco tarde na bola. Eram somente oito minutos e Rivelino faz bela jogada pela esquerda e passa a Clodoaldo que vem de trás, e, da entrada da área manda uma bomba, para defesa incrível de Schneider. Aos 12 minutos foi Tovar que arriscou de fora da área mandando uma bola colocada. Leão fez a defesa.

O jogo era trepidante e a defesa brasileira estava atrapalhada. Torino, aos 20 minutos, mandou uma bomba, que era sua característica e Leão voou para mandar a bola para escanteio. Aos 23 minutos Jairzinho cruzou para Leivinha que disputou pelo alto com Figueroa. A bola sobrou para Rivelino, dentro da área, de pé esquerdo. Schneider realizou um verdadeiro milagre mandando-a para escanteio. No contra-ataque Valdomiro recebeu pela direita, venceu na corrida a Vantuir, que saiu na cobertura e ficou cara a cara com Leão. O grande goleiro fechou o ângulo e Valdomiro chutou para fora. Logo após, Leivinha mandou a bola para a rede, mas o auxiliar Zeno Escobar Barbosa, anotou impedimento, que realmente existiu.

Até os 30 minutos a seleção gaúcha ditava o ritmo do jogo, com muita movimentação e marcação implacável, porém, leal. A seleção brasileira, talvez assustada pelo clima, uma vez que viera ao Beira-Rio, em princípio, para um mero jogo amistoso, até arriscava com Rivelino e Clodoaldo jogando muito bem, mas os demais estavam um pouco aquém do realmente sabiam.

Aos 43 minutos Carbone e Oberti realizaram grande jogada, com o argentino mandando para o gol, que foi salvo por Clodoaldo. Por pouco não saiu o segundo gol gaúcho. O árbitro francês encerrou a primeira etapa para que a enorme platéia conseguisse ficar um pouco em pé, pois praticamente toda a tarde sentada no cimento é quase desumano.

O segundo tempo sim reservava fortes emoções. A partida começou em ritmo frenético. A seleção brasileira teve outra postura em campo, com ímpeto e volúpia ofensiva. Ao invés da certa indolência da primeira tempo, partiu para cima e o que encantou com a camisa da seleção foi a atuação de Paulo César Lima.

Em dois minutos a seleção brasileira criou duas chances reais para empatar. Aos seis minutos Schneider se chocou com Figueroa e caiu atordoado em campo. Os dois massagistas, Banha do Grêmio e Moura, do Internacional, com suas respectivas maletinhas entraram correndo para atendê-lo. Banha, mais pesado saiu na frente e Moura, mais velho, tropeçou e se espatifou no gramado. Foi o que bastou para a gozação.

Na saída de bola a seleção retomou e Rivelino perdeu mais uma oportunidade. Aos oito minutos o gol de empate. Um gol parecido com o gol gaúcho. Marco Antônio trocou passes com Rivelino e cruzou para a área. Jairzinho entrou no meio dos zagueiros e saltou de peixinho contra a bola. Schneider pulou, mas nada pode fazer. Estava empatado o jogo. Um silêncio absurdo percorreu o imenso estádio, por alguns segundos. Até que Jairzinho correu para a pista mostrando aos torcedores o símbolo da CBD estampado na camiseta e mandando os torcedores se calarem. A resposta veio imediatamente. Vaias, muitas vaias e palavrões de toda a espécie foram proferidos a Jairzinho e toda a seleção brasileira. “Palhaço, palhaço, palhaço”, foi a única palavra publicável. Jairzinho talvez não tenha ouvido nada, mas sentiu fortemente o fato de ser xingado por marcar um gol para o Brasil, dentro do próprio Brasil.

Wilson Piazza correu até Jairzinho e, ao invés de abraçá-lo, puxou-o pela camisa e pediu para ele parar de provocar a torcida. Em entrevista após o jogo salientou: “O público é apaixonado e não consegue unir as coisas numa partida como esta. Separa o Brasil do Rio Grande do Sul, mas eu entendo sua atitude e o respeito. Pedi ao Jair, ao Rivelino e ao Paulo César, que não insultassem os torcedores. Eles não merecem”.

Porém, apenas dois minutos se passaram do gol de empate e Carbone recebeu a bola de Valdomiro na entrada da área. Fingiu que iria chutar e o zagueiro se virou de costas. Aberto o espaço, Carbone bateu na bola de chapa, com a parte interna do pé. A bola fez uma curva, saiu colocada, mas sem muita força. Sérgio Valentim, que havia entrado no lugar de Leão, no intervalo, saltou, se espichou todo e a bola, obediente à Carbone entrou na parte lateral da rede, estufando-a. Os gaúchos passaram mais uma vez à frente.

Mais uma explosão de alegria no Beira-Rio. O sentimento, porém, era o de que não dava para comemorar vitória antes do final do jogo. A seleção brasileira era muito forte e tinha a gana de vencer a qualquer custo. Outra vez Clodoaldo chegando em condições de marcar, como elemento surpresa, adentrou a área, mas foi travado pelo pé genial de Ancheta, que saiu jogando para delírio dos torcedores.

Aos 15 minutos Paulo César Lima, com enorme categoria entrou na área e tocou para Jairzinho, que tocou de volta a Paulo César, de primeira, e, este, por sua vez bateu, igualmente de primeira, e a bola entrou rasteirinha no canto de Schneider. Outra vez estava empatado o jogo. Paulo César Lima foi mais comedido e comemorou o gol com seus companheiros no meio do campo.

Dois minutos após, Oberti fez grande jogada, envolvendo a defesa brasileira e arrematando, mas o chute saiu fraco, para a fácil defesa de Sérgio. Logo após foi Torino que chutou forte para o gol e a bola desviou em Brito, saindo rente a trave. O jogo se encaminhava para seu final. Os times, mesmo cansados continuaram dando espetáculo.

Faltando apenas sete minutos para o término da partida. Valdomiro recebeu passe do meio de campo e, em jogada característica driblou Marco Antônio e cruzou. Os zagueiros Brito e Vantuir estavam mal posicionados e o goleiro Sérgio Valentim, não saiu do gol. Na entrada da pequena área estava Claudiomiro, que testou com força, sem dificuldades e a bola ganhou mais uma vez as redes. Um gol muito parecido marcado pelo Bigorna, na inauguração do Beira-Rio, na vitória do Internacional contra o Benfica. Que loucura. Um repórter que estava atrás da goleira de Sérgio, entrou no gramado e pegou a bola que estava na rede. Quase apanhou do goleiro. Um torcedor que estava próximo às cabines de imprensa, olhou para emissoras de fora do Rio Grande do Sul, e esbravejou: “Quem disse que somos Brasil? Somos é da Província do Prata”. Outra correria na arquibancada. Um torcedor

sofrera um infarto. Repentinamente uma fumaceira invadiu o gramado. Vinha da churrascaria Saci, instalada no estádio. A torcida exausta pelo desconforto de toda a tarde se revigorou em festejar e gritar: “Cadê o Brasil, cadê o Brasil”.

O Brasil estava ali e a competente e brava seleção brasileira também estava. O jogo ainda não havia encerrado. Decorriam 40 minutos e Paulo César Lima buscou a bola no meio de campo e carregou-a com categoria num rush sensacional até a entrada da área, perseguido por dois adversários. Praticamente sem olhar, apenas tocou a bola para o lado esquerdo. Encontrou Rivelino livre, sem marcação alguma. Este ajeitou a bola com carinho e em fração de segundos mandou uma bomba de pé esquerdo, indefensável para Schneider. Estava decretado o empate em três gols, o placar mais justo para um fenomenal encontro futebolístico.

O estádio voltou a ficar em silêncio. Um silêncio respeitoso. Viu uma seleção gaúcha resgatar sua honra, seu orgulho, sua altivez. Seus jogadores tiveram brios, foram homens, encararam os campeões mundiais. Mostraram seu valor, seu futebol de técnica, raça e determinação. Principalmente mostraram a CBD, seu presidente e sua comissão técnica, que no Rio Grande do Sul existiam jogadores capazes. Este era o sentimento no estádio. Por outro lado, silenciaram, pois souberam reconhecer a capacidade técnica de um Rivelino, de um Paulo César Lima, de um Jairzinho, de um Clodoaldo, de um Wilson Piazza, que, apenas dois anos antes lhes deram uma indescritível alegria.

A bronca ficou com a comissão técnica que entrou festejando em campo. O Tenente Carlesso levou uma pedrada nas costas, e uma laranja, destinada a Zagallo parou, sem querer, no rosto de Clodoaldo.

Terminado o espetáculo, colorados e gremistas voltaram ao normal. A “flauta” retornou com tudo. Os colorados ufanistas de que os três gols do selecionado foram marcados por seus jogadores. Os gremistas respondiam dizendo que, em compensação, Schneider, goleiros “deles”, tomou os três gols do Brasil.

A ficha técnica do jogo foi a seguinte:

SELEÇÃO GAÚCHA 3 X 3 SELEÇÃO BRASILEIRA

Data: 17 de junho de 1972

Local: Estádio Gigante da Beira-Rio

Público: 106.554 (livro Seleção Brasileira 90 anos)

Árbitro: Robert Heliés (França)

Auxiliares: José Luiz Barreto e Zeno Escobar Barbosa

Gols: Tovar (3m); Jairzinho (53m); Carbone (55m); Paulo César Lima (60m); Claudiomiro (83m) e Rivelino (85m).

SELEÇÃO GAÚCHA: Schneider, Espinosa, Anчета, Figueiroa e Everaldo; Carbone, Tovar e Torino; Valdomiro, Claudiomiro e Oberti (Mazinho). Técnico: Apparício Viana e Silva.

SELEÇÃO BRASILEIRA: Leão (Sérgio Valentim), Zé Maria, Brito, Vantuir e Marco Antônio; Wilson Piazza, Clodoaldo e Rivelino; Jairzinho, Leivinha e Paulo César Lima. Técnico: Mário Jorge Lobo Zagallo.

Pós-Jogo

Terminado o jogo. Os jogadores cordialmente se cumprimentaram e adentraram aos vestiários. Os torcedores enfrentaram dificuldades com congestionamento para deixar o estádio e suas imediações. Era gente demais para ir para casa. Temendo represálias, que não ocorreu, a seleção brasileira ficou retida por mais de uma hora no vestiário.

No dia seguinte todos os jornais do País deram ênfase ao jogo. Manchetes de todos os tipos e gostos. O Globo: “O Beira-Rio vaiou do principio ao fim. Era o Brasil que jogava”. No Jornal do Brasil, do Rio de Janeiro: “Seleção empata de 3 x 3, em excelente partida”. O Estado de São Paulo: “Gaúchos fazem a seleção correr para empatar”. Correio do Povo, de Porto Alegre “Placar certo para um grande jogo: 3 x 3”. Folha da Tarde, também de Porto Alegre: “O grande empate só não resolveu nossos antigos problemas político”, e, no texto, desancou Rubens Hofmeister.

A coluna “Flash” do jornal O Globo colheu opiniões de jogadores e do técnico da seleção brasileira. Zagallo, irritado com os brigadinhos que comemoraram um gol sulino: “Vocês não são brasileiros? Acho que não”, e após o jogo: “Não vou convocar ninguém dos gaúchos. Meu grupo está fechado”.

Marco Antônio, um dos mais vaiados: “Tinha fama, por aqui de ser medroso. Provei que isso é mentira”, e completou: “Agora vou pegar meu passaporte e retornar para o Brasil”.

Paulo César Lima, craque, o melhor em campo, elegantemente se pronunciou: “As vaias serviram para nos motivar, corremos muito mais. Foi um jogo para valer, como se estivéssemos num País estranho, e nos saímos bem”.

Leivinha foi mais agressivo: “Este jogo não podia ter se realizado. Nós ficamos expostos a uma série de riscos. Sorte é que em campo houve cordialidade”.

A coluna do jornalista Ruy Carlos Ostermann, no Correio do Povo de 20 de junho, foi, como sempre, genial. O tópico Vaia e Razão: “a vaia é uma instituição no futebol e para que ela exista de uma forma gigantesca como a de sábado, bastam duas coisas: um lado e um motivo. O lado era a presença da seleção gaúcha ou combinado grenal, como queiram, identificando o torcedor e exigindo sua participação. O motivo, bom, quantos poderiam ser citados. A vaia foi inevitável e não deveria surpreender ninguém, muito menos àqueles que já viram mais de dois ou três estádios grandes na vida, e cheios. Mas os jogadores e a comissão técnica foram recebidos no aeroporto por meninas de camisetas amarelas, e elas distribuíram beijinhos de boas-vindas e flores receptivas. Esta promoção enganou bastante, e, transferida para o estádio acabou originando uma perplexidade aos visitantes. A flor educada se transformou subitamente na vaia despudorada. E daí, erramos nas flores ou nas vais?”

Ainda Ruy Carlos Ostermann: “Na história desta partida de sábado não consigo, por mais que me esforce, encontrar um elemento que pareceu aos homens do centro do País, como um dado irrecusável; que a seleção brasileira fez seus gols quando quis fazê-los. A valer esta observação, seríamos obrigados a concluir que à seleção brasileira agradava o empate. Sim, pois ela o perseguiu e tão pronto o encontrou, não fez o gol adiante”.

Esta observação de Ostermann foi para rebater os comentaristas de São Paulo e do Rio de Janeiro, que em suas análises desdenharam os gaúchos, afirmando que a seleção brasileira não ganhou porque não quis.

No jornal Folha da Tarde, o articulista Cid Pinheiro Cabral, em sua coluna Fora das Quatro Linhas, afirma: “Ficou provado mais uma vez: temos futebol, e do bom. Não é à toa que temos andado, nos certames nacionais, ombro a ombro com os clubes do centro do País. O grande jogo que vimos no Beira-Rio foi a seleção gaúcha contra a seleção do “resto” do Brasil...”.

O Presidente do Grêmio ficou, após o jogo, muito apreensivo com toda a repercussão que o jogo trouxe ao Rio Grande do Sul contra os outros estados. Disse: “O jogo não deixou nada de bom, pelo contrário, poderá trazer reflexos negativos. A imagem que ficou do nosso Estado para o resto do País, preocupa. Estava assistindo um programa de televisão e o animador, ao pronunciar Rio Grande do Sul, ouviu seu auditório explodir em vaia. Espero que este episódio seja esquecido

até o começo do campeonato nacional, quando formos jogar fora de casa”. Esta preocupação do presidente gremista, como se viu, não tinha nenhum fundamento. Ao vencer e se tornar campeão da Minicopa, toda a torcida brasileira, inclusive a gaúcha vibrou com mais uma conquista.

Foi ventilada uma revanche, outro jogo, no Maracanã, o que foi obstado pela CBD e, principalmente pelos jogadores. Porém, uma voz se manifestou contrária e se posicionou a favor de outro jogo. O atacante Jairzinho foi extremamente elegante. Declarou: “Foi um jogo limpo, sem pontapé, com muita responsabilidade dos gaúchos. Provaram que tem excelentes jogadores, e o que é mais importante: jogaram honestamente. Everaldo mostrou toda sua categoria e que tem plenas condições de voltar a seleção brasileira”.

A Rede Globo, no dia 5 de agosto de 2012, no programa Globo Esporte realizou matéria sobre os 40 anos do memorável jogo e entrevistou alguns personagens, entre jornalistas e jogadores.

- Naquele jogo era “nós contra eles”. Todo mundo se fardou, não tinha mais gremistas e nem colorados, não tinha cristão, não tinha ateu. Era todo o Rio Grande do Sul contra o Brasil. E aí? Sou menos brasileiro por isso? Vamos combinar que não, né? Só a psiquiatria pode explicar. Nunca houve nada igual no Rio Grande do Sul. O Grêmio foi campeão mundial, o Inter foi campeão mundial, mas não houve nada igual a este jogo. (Lauro Quadros – Jornalista).

- O jogo se realizou porque Everaldo havia sido campeão mundial, estava muito bem e não foi convocado. (Atilio Genaro Ancheta – jogador).

- O Everaldo tinha sido campeão mundial no México e depois não fez parte da seleção para disputar isso aí. Estávamos representando o Rio Grande do Sul e os gaúchos queriam ganhar da seleção brasileira a qualquer custo. Nós queríamos dar um presente para Everaldo que era a vitória. (Claudiomiro Estrais Ferreira – jogador).

- O jogo foi pela não convocação de Everaldo. É um estado em que o bairrismo é muito forte. E aí realmente virou uma guerra. O fato que me marcou foi na entrada do estádio. Havia mais de cem mil bandeiras do Rio Grande do Sul e nenhuma bandeira sequer do Brasil. Mas, honestamente, não porque fiz parte, mas foi um dos melhores jogos que nós fizemos. Não só por causa do clima de guerra, mas porque eram dois times excepcionais. Foi um jogo. (Paulo César Lima – jogador).


- Não é que tenha virado uma guerra. Nós queríamos vencer o jogo. Nós demos azar, pois estivemos sempre atrás no marcador. A rivalidade era tanta que parecia que estávamos na Argentina ou no Uruguai. Como você vai com a seleção brasileira jogar em seu País e não tem nenhuma bandeira do Brasil. Você pensa: nós não estamos no Brasil. Foi um negócio inacreditável. (Roberto Rivelino – jogador).

- Eu lembro do jogo, mas não lembro de nenhum detalhe. Lembro detalhes sim das copas de 1958, 1962 e 1970. (Mário Lobo Zagallo – técnico).

Estamos em 2019 e se passaram 47 anos deste espetáculo. Houve mais duas tentativas de reeditar este jogo. Em 1978, na preparação da seleção brasileira para a Copa da Argentina. No Beira-Rio a seleção brasileira e a seleção gaúcha empataram em dois gols, mas o jogo não teve, em nenhum momento, clima hostil e disposição para o confronto. Em 1983, numa promoção do jornal Zero Hora, foi disputado outro jogo. O curioso ficou por conta das convocações. O jornal publicava cupons para que o leitor escalasse os dois times. Os mais votados começariam o jogo. Vladimir do Corinthians foi o mais votado para a lateral-esquerda, mas o técnico indicado Paulo César Carpegiani, contrariando a promoção começou a partida com Junior. O placar foi a goleada da seleção por 4 x 1, mas não consta como jogo oficial da seleção brasileira.

No campo político os gaúchos se revoltaram contra o comando central. Como na Revolução de 1930, por exemplo, quando as tropas de Getúlio Vargas não deixaram o presidente eleito Júlio Prestes tomar posse e depuseram à força o presidente Washington Luiz. Três décadas depois o Movimento da Legalidade comandado por Leonel Brizola, desde Porto Alegre, fez os gaúchos pegarem às armas, para que o vice-presidente eleito João Goulart, tomasse posse, ante a renúncia de Jânio Quadros. Não houve derramamento de sangue, em razão de um acordo, mas João Goulart assumiu a Presidência da República.

Em 1972, foi no campo de jogo. Nunca houve nada igual e possivelmente nunca mais haverá. Um Estado da Federação em peso, com bandeiras na mão, odiando, durante noventa minutos, o seu País.



***Nossos
Craques***

A MAIOR TORCIDA DO RIO GRANDE

esporte FIN

AZISUL CINZANO

ROVIN

ELIA ROCHA & GERA

AMPÉAD
1962



LUIZ CARLOS SCHNEIDER

Montenegro RS *15 de maio de 1948

Porto Alegre RS †1º de dezembro de 1999

Schneider cresceu jogando na base do Internacional. Nos anos anteriores à sua profissionalização era tido por todos como um excelente goleiro. Um goleiro para assumir a titularidade do clube e manter-se assim por muitos anos.

Mas, quis o destino que não fosse exatamente assim. Em 1968 o clube era treinado por Osvaldo Rolla, o Foguinho. Seu método de trabalho exigente, fez com que alguns dos jogadores do time titular se revoltassem. Chegou o grenal decisivo e Gainete, o goleiro titular recusou-se a jogar. Foi promovido Schneider. O time em campo não jogou absolutamente nada, mas sobrou para Schneider, a responsabilidade pela derrota.

Schneider amargou a reserva por longos quatro anos. Mesmo à margem da titularidade foi campeão gaúcho, entre 1969 e 1971. Em 1972, com a saída de Gainete, Schneider voltou a ter oportunidades e as aproveitou. Foi titular até 1974, quando o clube contratou Manga, junto ao Nacional de Montevidéu.

Além de defender a seleção gaúcha, Schneider jogou apenas no Internacional. Foi campeão estadual ainda de 1972 a 1976 e campeão brasileiro, em 1975 e 1976. Em 1972 permaneceu 473 minutos sem levar gol. Em 1977, Schneider, aos 29 anos abandonou os gramados, mas não o futebol.

Passou a exercer a função de treinador de goleiros na comissão técnica profissional do próprio Internacional. Alguns goleiros famosos do clube passaram pelos seus treinamentos e conselhos, casos de Taffarel, André e Gilmar Rinaldi.

Schneider lutou bravamente contra um câncer durante aproximadamente dois anos. Mas, acabou perdendo esta disputa no dia 1º de dezembro de 1999, com apenas 51 anos de idade.



VALDIR ATAUALPHA RAMIREZ ESPINOSA

Porto Alegre *7 de outubro de 1947

Espinosa nasceu para o futebol no Grêmio Porto-Alegrense. Seu primeiro ano no time de cima foi em 1968, quando sagrou-se campeão estadual. No ano seguinte passou a titularidade, até 1972. Em 1972 foi convocado para a seleção gaúcha. Sua atuação no monumental jogo foi muito boa, não comprometendo em nenhum momento.

Num período de derrotas do clube muitos jogadores de valor foram “fritados”. Entre eles Espinosa, que inicialmente foi emprestado ao Vitória da Bahia, em 1973, retornando ao Estádio Olímpico, ouviu da direção tricolor que não servia mais. Sozinho, sentado na arquibancada do Olímpico, o craque chorou e prometeu a si mesmo que voltaria ao clube para se consagrar.

A carreira seguiu defendendo o CSA e o rival CRB. Em 1976, retornou ao Rio Grande do Sul para jogar no Esportivo de Bento Gonçalves. Encerrou sua trajetória em 1978, e no mesmo ano, iniciou a exitosa carreira de técnico de futebol, ainda no Esportivo.

Em 1982, foi contratado pelo Grêmio. A direção tricolor acertou em cheio. Espinosa levou o clube a ser campeão da Taça Libertadores da América e Mundial de Clubes, em 1983. Suas juras foram absolutamente cumpridas.

Comandou ainda vários clubes brasileiros e do exterior. Tricampeão paraguaio; campeão saudita; campeão da Copa do Imperador do Japão; campeão também dos estaduais do Ceará, Paraná, Rio de Janeiro, Brasília e Rio Grande do Sul, pelo Grêmio. Espinosa também foi treinador da seleção nacional do Paraguai. Retornou ao Grêmio na função de Coordenador de Futebol, em 2016, e, no mesmo ano o clube conquistou a Copa do Brasil.



ATILIO GENATO ANCHETA WEIGUEL

Florida (Uruguai) *19 de julho de 1948

Chamou a atenção do mundo do futebol, em 1970, um zagueiro alto, esguio, de um futebol clássico, exuberante, titular da seleção uruguaia, na Copa do México. Com apenas 22 anos de idade, Ancheta foi considerado pela crônica esportiva mundial, o melhor zagueiro do torneio. O Uruguai terminou na quarta colocação.

Jogava no Nacional de Montevideú, clube que o revelou, chegando ao time principal, em 1966. Em 1971, Ancheta já era tri-campeão uruguaio e campeão da Copa Libertadores da América. O Grêmio, ávido em reconquistar a hegemonia do futebol gaúcho, num arroubo de grandeza (que na época não era tanto assim) foi a Montevideú contratá-lo. Ancheta chegou com ares de grande contratação, que efetivamente foi, e liderança, que também se tornou. Porém, as conquistas demoraram a chegar.

Entre 1971 e 1976, o tricolor amargou anos de derrota. Mudava o time todo o ano, exceto mexia-se em Ancheta, que mesmo em momentos de fracassos do clube, era quase sempre seu melhor jogador.

Entretanto, em 1977, o Grêmio tinha um time experiente, e, ao lado de Ancheta, o vigoroso e decidido Oberdan, formou uma linha de zaga de absoluto respeito. Ecurinho não marcou mais gols nos últimos segundos dos grenais e o time não perdeu mais pontos preciosos contra pequenos clubes do interior. Um simples gauchão, mas que para o Grêmio e seus torcedores e para Ancheta, foi uma conquista enorme. Até hoje o Grêmio considera o estadual de 1977, sua maior conquista nessa competição.

O Grêmio de Ancheta tornou-se mais uma vez campeão gaúcho, em 1979. No ano seguinte o ídolo foi atuar no Clube Milionários da Colômbia. Retornou ao Nacional de Montevideú, onde tudo começou para encerrar a brilhante trajetória futebolística.

Quem imaginou que Ancheta fixaria residência em seu País, enganou-se. O craque se apaixonou por Porto Alegre e voltou a residir no Rio Grande do Sul. Tentou a carreira de técnico, sem sucesso. Mas, sucesso mesmo passou a fazer nos palcos. Ancheta é um afinadíssimo cantor. Em seu repertório, boleros, tangos e música romântica. Realiza shows em vários municípios do Brasil, e cds que fazem parte de discotecas do amantes da boa musica, em especial de gremistas.



ELIAS RICARDO FIGUEROA BRANDER

Valparaíso (Chile) *25 de outubro de 1946

Quando o Grêmio foi buscar o zagueiro Ancheta, no Nacional de Montevidéu, o Internacional, imediatamente deu o troco e trouxe, para o Beira-Rio, Figueroa, do rival Penharol. O chileno chegou a Porto Alegre cheio de moral, elegante, recitando versos de seu conterrâneo Pablo Neruda.


Em 1971, quando foi contratado, Figueroa tinha apenas 24 anos, mas uma larga carreira profissional, iniciada com apenas 18 anos de idade, em 1964, no Clube de Deportes Unión La Calera. Passou pelo Santiago Wanderes, antes de defender o Penharol. Foi campeão uruguaio, em 1967 e 1968, além da Recopa dos Campeões Intercontinentais, em 1969. Antes, em 1966, com 19 anos era o zagueiro da seleção chilena, na Copa do Mundo da Inglaterra.

Figueroa logo se impôs em campo pela sua liderança e pelo seu extraordinário futebol, um fenômeno. Tinha técnica privilegiada, imposição física, inteligência para antecipar o movimento do atacante adversário, forte personalidade e cabeceio impressionante nas duas áreas. Enquanto vestiu a camisa vermelha foi campeão estadual e ajudou a colocar seu clube como centro maior do cenário brasileiro, ao tornar-se bicampeão brasileiro, em 1975 e 1976. Como capitão do time ergueu as taças e, marcou o gol do título, em 1975, na decisão contra o Cruzeiro BH. Antes, em 1974, foi mais uma vez convocado para a seleção chilena, que disputou a Copa da Alemanha.

Quando se iniciou o processo de desmanche do time vitorioso, Figueroa rumou ao Chile, para defender o Palestino. Foi campeão chileno, em 1978 e da Copa do Chile, em 1977. Defendeu ainda o Ford Lauderdale, dos EUA e mais uma vez no Chile, o Coco-Colo, pelo qual foi campeão nacional, em 1982. No mesmo ano disputou a Copa do Mundo da Espanha. No primeiro dia do ano de 1983, o craque anunciou sua despedida do futebol.

Foi convidado a ser gerente do futebol do Internacional, em 1996, cargo que exerceu durante aquele ano, mas que foi interrompido para que Figueroa assumisse o de técnico. Sua outra incursão como técnico de futebol foi no Palestino.

Obteve vários títulos pessoais durante a sua trajetória, entre eles o de melhor jogador Sul-Americano, em sua posição, no século XX e o de melhor jogador da história do futebol chileno. Atualmente Figueroa, que é cidadão do mundo, reside em Viña Del Mar.



**"Eu não quero
ser antipático
com ninguém.
Por isso, a
partir de
agora, quem
vai tratar
dessas coisas
é o meu
agente de
publicidade"**

EVERALDO MARQUES DA SILVA

Porto Alegre (RS) *11 de setembro de 1944

Cachoeira do Sul (RS) †27 de outubro de 1977

Everaldo chegou à categoria de base do Grêmio, em 1957. Jogava no meio de campo e nas duas laterais. Passou por todas as categorias até chegar ao profissional, em 1964. No ano seguinte foi emprestado ao Juventude e foi considerado um dos melhores jogadores do campeonato quando o clube caxiense tornou-se vice-campeão estadual.

Retornou ao Grêmio no ano seguinte para ser titular. Foi campeão gaúcho, em 1967 e 1968. Em 1967 teve sua primeira convocação para a seleção brasileira, na disputa da Copa Rio Grande, onde foi campeão. Everaldo era um exímio e leal marcador. Tinha muita técnica para o passe e o desarme. Não possuía velocidade, mas era inteligente para marcar seu adversário.

Em 1970 foi convocado para a seleção brasileira que disputou a Copa do Mundo no México. Titular em todos os sete jogos foi campeão mundial e eleito o melhor lateral-esquerdo da competição. Quando voltou a Porto Alegre uma multidão sem precedentes para um jogador de futebol compareceu no desfile do craque, em carro aberto, com uma réplica da Taça Jules Rimet.

Em 1974 já pensava em deixar o futebol e dedicar-se a política. Era candidato a Deputado Estadual. No domingo 27 de outubro daquele ano aproveitou um jogo festivo dos veteranos gremistas em Cachoeira do Sul, para fazer campanha eleitoral. No retorno a Porto Alegre sofreu um acidente que ceifou-lhe a vida, de sua esposa e uma filha. Ainda jovem foi o primeiro campeão mundial a perder a vida. Ficou para a história e representa uma estrela dourada na bandeira do Grêmio.



JOSÉ LUIZ CARBONE

São Paulo *22 de março de 1946

O futebol está no sangue de José Luiz Carbone. Seu tio, Rodolpho Carbone foi um famoso e técnico meia-esquerda do Corinthians, nos anos de 1950. O Corinthians, porém, não foi o destino de José Luiz, mas sim, a categoria de base do São Paulo. Em 1965, o técnico José Poy o alçou ao time principal e sua estreia foi num jogo contra o temível Santos de Pelé. Embora derrotado por 3 x 2, Carbone jogou muito bem e marcou um gol.

Quando Poy foi para a Ponte Preta levou o jovem jogador consigo. Entretanto, Carbone retornou ao São Paulo, que o emprestou mais uma vez, agora ao Metropól de Criciúma. No vizinho estado, ficou mais visível aos olhos do Internacional, que se encantou com o futebol aguerrido, determinado e técnico de Carbone. A direção colorada voou para São Paulo e o contratou em definitivo, em 1969.

Carbone chegou como titular. Formou dupla de meio de campo com Tovar, a mesma da seleção gaúcha, entre 1969 e 1973. Carbone foi campeão gaúcho em todos esses anos. Em 1973, disputava posição com o craque Paulo César Carpegiani e via emergir um jovem lourinho, com um futebol gigantesco, Paulo Roberto Falcão. Vendo que seu espaço diminuía, Carbone se transferiu para o Botafogo.

No ano seguinte, esteve emprestado ao Grêmio, para a disputa do gauchão. Título perdido, retornou ao Botafogo. Carbone estava no auge de sua forma física e técnica, e foi convocado por Zagallo para os jogos preparatórios visando a Copa do Mundo de 1974, na Alemanha. Jogou seis partidas amistosas com a camisa da seleção, e, próximo a convocação definitiva para a copa, foi cortado, segundo Carbone, sem nenhuma explicação. Ficou magoado com o treinador e sentiu na própria pele o que sentiu Everaldo, em 1972.

Preparava seu final de carreira e passou a estudar jornalismo, mas, aceitou convite do Nacional de São Paulo e o defendeu por duas temporadas. Em 1982, encerrou sua história nos gramados. Porém, o Nacional lhe ofereceu convite para dirigi-lo tecnicamente. Carbone aceitou e seguiu um longo trajeto como técnico de futebol.

Comandou várias grandes equipes, como o Palmeiras, Cruzeiro, Fluminense, Botafogo, Internacional, além de clubes do Oriente Médio, do Peru e da Bolívia.



TOVAR ROMARIZ MACHADO

Bagé (RS) *29 de setembro de 1948.

Em 1965 o Internacional foi buscar, no Grêmio Bagé, um jovem de quem se falava maravilhas pelo seu futebol. Era neto de Machado, centromédio campeão estadual, em 1925, também pelo Grêmio Bagé. O menino atendia por Tovar. Jogador de boa técnica, ágil, veloz e extremamente aguerrido. Nas categorias de base do Internacional foi campeão, chegando ao time principal, em 1968.

A partir de 1969 passou a ser titular e a ganhar títulos. Foi campeão estadual em todos os anos, a partir de 1969 até deixar o clube, em 1975. Titular absoluto do time formando meio de campo com Elton ou Carbone ou Dorinho ou Paulo César. Neste mesmo ano, 1975, foi defender o Sport Recife.

No Sport Tovar também foi ídolo. Em seu primeiro ano no clube foi campeão pernambucano, mas sofreu uma gravíssima lesão, rompendo o tendão de aquiles e permaneceu dez meses fora do futebol. Retornou em 1976, mas seu grande ano foi em 1977, quando se sagrou-se mais uma vez campeão estadual. Foi cogitado para defender o Corinthians, que tentou sua contratação, mas o negócio não evoluiu.

Em 1978, o Sport fechou seu departamento de futebol e Tovar seguiu a carreira defendendo o Coritiba. Permaneceu uma temporada no Coxa e no final foi convidado para atuar no Esportivo de Bento Gonçalves, em 1979. Já pensando no final da carreira, optou por jogar e residir perto de seus familiares. Naquele ano o Esportivo realizou brilhante campanha no gauchão, chegando ao vice-campeonato, atrás apenas do Grêmio.

Em 1980, ainda defendeu a Chapecoense e o Nacional de Manaus. Retornou ao Rio Grande do Sul, para jogar pelo São Paulo de Rio Grande, seu último clube como profissional. Deixou os gramados, mas seguiu ligado ao Internacional, ocupando funções no departamento de futebol másters e reside em Porto Alegre.



VITORINO LOPES GARCIA (TORINO)

Pelotas (RS) *1º de novembro de 1948

Florianópolis †19 de março de 2013

No início dos anos de 1960, o Brasil de Pelotas teve um vitorioso departamento de futebol de salão. Chegou ao tetracampeonato estadual da modalidade. Chamava a atenção um menino com um chute muito potente com o pé esquerdo, além de muita habilidade no drible. Quando a bola caía em seu pé esquerdo ela saía com elegância e precisão. Torino era seu apelido.

Logo foi convidado para jogar no campo, local onde seu futebol apareceria ainda mais. Em 1967, aos 19 anos, já era titular na meia-esquerda do time Xavante. No ano seguinte, olheiros do Botafogo carioca sugeriram sua contratação. Foi emprestado pelo Brasil e jogou ao lado de grandes jogadores, como Manga, Gérson, Jairzinho e Paulo César Lima. Foi campeão carioca. Retornou ao Brasil, atuando na temporada de 1969.

Seu chute de pé esquerdo era tão forte que feria quem tentasse interceptá-lo. Diz-se que num treino do Brasil Torino foi desafiado pelo goleiro Suli. Torino chutou da entrada da área e Suli, que foi um extraordinário goleiro, ao tentar defender a bola fraturou o dedo da mão. Quando ainda defendia o Brasil foi convocado para a seleção gaúcha, que enfrentou o Uruguai.

Em 1970, jogou no Olaria do Rio de Janeiro, que naquele ano montou um grande time. Torino formou no meio de campo com Afonsinho e Roberto Pinto, dois craques. Seu próximo clube foi o Grêmio, contratado em 1971. Em 1973, foi emprestado ao Atlético Paranaense, retornando ao Estádio Olímpico, em 1974.

Não havia jeito. O Grêmio não conseguia sequer vencer o campeonato gaúcho, e, a cada final de temporada era terra arrasada. Muitos jogadores deixavam o clube para contratação de outros, que invariavelmente não davam certo. Torino foi um deles, que deixou o tricolor, rumando para o futebol no Norte/Nordeste do País. Defendeu o Sergipe e depois o Rio Negro, no Amazonas.

Além desses vestiu as camisas do Juventude de Caxias do Sul, CSA de Maceió, Galícia, da Bahia, Colorado de Curitiba, Chapecoense e Pelotas. No exterior atuou pelo Club de Deportes La Serena, clube chileno, recomendado por ninguém menos que Don Elias Figueroa. Torino deixou os gramados em 1985.



VALDOMIRO VAZ FRANCO

Criciúma (SC) *17 de fevereiro de 1946

Valdomiro é um dos maiores ídolos da história do Internacional. Dez vezes campeão gaúcho, sendo oito ininterruptamente. Três vezes campeão brasileiro, um deles de forma invicta. Duas vezes artilheiro do campeonato estadual. O jogador que mais vezes vestiu a camisa colorada. Marcou gols decisivos que deram ao seu clube títulos inesquecíveis. Os torcedores lhe renderam homenagens elegendo-o Vereador de Porto Alegre e Deputado Estadual, pelo Rio Grande do Sul. Na história do nosso futebol, Valdomiro é o único jogador que se sagrou octacampeão.

Mas nem sempre foi assim. Quando chegou, contratado ao Comerciarário de Criciúma, com breve passagem pelo Perdigão de Videira, em 1968, era constantemente vaiado. O Internacional vinha de um período de derrotas no campeonato estadual, e sua torcida, não suportava contratações de jogadores de times menores. Além do mais, Valdomiro não tinha grande técnica, mas uma determinação incomum em tornar-se um vencedor.

Com muita aplicação e treinamento foi aperfeiçoando sua técnica e depois de uma década passou a ser aplaudido até quando passava caminhando na rua. Valdomiro tinha uma jogada característica. Com a bola dominada parava na frente de seu marcador. Dava um toque nela e arrancava em direção à linha de fundo. Seu cruzamento, sempre de primeira e em curva, chegava exatamente na cabeça de algum companheiro postado na área. Além disso, se especializou em cobranças de faltas e pênaltis. Era exímio.

Sua eficiência aliada a excelente fase do time colorado o levou a ser convocado para a seleção brasileira, pela primeira vez, em 1973. Sua estréia foi na partida amistosa em que o Brasil derrotou a Bolívia, por 5 x 0, e Valdomiro deixou sua marca, fazendo o terceiro gol. Em 1974, estava na lista de Zagallo para a Copa do Mundo da Alemanha. Marcou o gol decisivo, contra o Zaire, cujo placar de 3 x 0, colocou o Brasil nas quartas de finais. A seleção brasileira com Valdomiro foi a quarta colocada no torneio.

Em 1980, após ser vice-campeão da Taça Libertadores da América, deixou o Internacional, para atuar no Milionários da Colômbia. Em 1982 retornou ao Internacional, para ser mais uma vez campeão gaúcho. Neste mesmo ano encerrou sua brilhante e magnífica trajetória nos gramados. Atualmente reside em Criciúma, sua cidade natal e ensina meninos em sua escolinha de futebol a praticarem o esporte e acima de tudo se tornarem cidadãos, como foi seu professor.



CLAUDIOMIRO ESTRAIS FERREIRA

Porto Alegre *3 de abril de 1950

† Porto Alegre 24 de agosto de 2018.

Quando da inauguração do Estádio Gigante da Beira-Rio, em 1969, o Internacional venceu o poderoso Benfica por 2 x 1, e o primeiro gol marcado só poderia ter sido de Claudiomiro. O centroavante do time era muito bom jogador. Uma fortaleza física que ficou conhecido como Bigorna, já que todos o batiam, mas ele nada sentia. Era rompedor, mas ao mesmo técnico, rápido, ajeitava a bola em alta velocidade e batia com força e precisão, tanto com o pé direito como com o esquerdo. Oportunista, tinha excelente colocação dentro da área, embora seu forte fosse vir de trás, com a bola dominada para chutar da entrada da área.

Chegou ao Internacional, em 1963 para a categoria mirim, mas apenas quatro anos depois, em 1967, chegava ao time principal. Tinha força e estatura para o enfrentamento com zagueiros experientes, mesmo com 17 anos. A partir de 1969, o Internacional começou a empilhar títulos do campeonato gaúcho, com Claudiomiro marcando muitos gols jogando contra zagueiros que não levavam desaforo para casa, casos de Daizon Pontes, do Gaúcho, Luiz Felipe, do Caxias, José, do Esportivo, Rubilar, do Grêmio Bagé e tantos outros.

Foi campeão estadual entre 1969 e 1974, e artilheiro da competição, em 1970 e 1972. Em 1971, foi convocado para a seleção brasileira que disputou a Copa Roca e amistosos, incluindo o da despedida de Pelé, a quem substituiu, contra a Iugoslávia.

A partir de 1974, começou a ter freqüentes lesões de joelho. Quando parava para se recuperar clinicamente, Claudiomiro engordava. Curado, tinha dificuldades em voltar ao time, pelo mau condicionamento físico. O Internacional cansou de esperar que seu artilheiro fosse o mesmo do começo dos anos 70, e foi buscar no Porto, de Portugal, Flávio Minuano.

Claudiomiro foi emprestado ao Botafogo carioca, em 1975. No ano seguinte foi para o Flamengo, permanecendo até 1977. Mas, seu estado físico não condizia com um atleta. Voltou ao Internacional, que o repassou ao Caxias. Na Serra Claudiomiro foi bem, voltou a marcar gols e quase ser o centroavante perigosíssimo de outrora. O Internacional foi buscá-lo novamente, mas, o craque não deu a resposta desejada e seu último clube profissional, foi o Novo Hamburgo. Claudiomiro encerrou a carreira no Clube Anilado, em 1979, com apenas 29 anos de idade.



ALFREDO DOMINGO OBBERTI

Buenos Aires (Argentina) *12 de agosto de 1945

Oberti tinha a vocação para o gol. Jogador determinado, aguerrido, sua principal característica era chegar com a bola dominada, vindo de trás, especialmente pelo lado esquerdo, para o arremate. Bom posicionamento na área, técnica no domínio de bola.

Aos 17 anos de idade estreou no futebol profissional defendendo o Huracán, em 1962. Foi emprestado ao Colón de Santa Fé, em 1965, onde foi campeão da série B, retornando no ano seguinte ao clube de origem. Em 1968, mais uma vez foi emprestado, agora para o Los Andes. Por este clube se tornou artilheiro do campeonato metropolitano e o Huracán, mais uma vez buscou seu goleador.

El Mono Oberti continuou jogando bem e marcando gols pelo Huracán, chamando a atenção do Newell's Old Boys, que o contratou, em 1970, quando se converteu no artilheiro máximo do campeonato argentino. Em 1971, jogou pela seleção argentina, apenas uma partida.

O Grêmio passou a olhar com mais atenção para o futebol sul-americano, a fim de retomar o predomínio do nosso futebol. Antes, havia contratado Nestor Scotta e Chamaco Rodriguez. Em 1972, foi buscar, na argentina, Alfredo Oberti, para tentar pôr fim ao jejum de títulos. Oberti chegou, realizou boas partidas, marcou vários gols, mas o título, tão esperado não chegou.

Embora algumas alegrias foram vivenciadas pela torcida tricolor. Uma delas foi no jogo válido pelo brasileiro de 1972, contra o Santos. O goleiro gremista Picasso havia defendido um pênalti cobrado por Carlos Alberto Torres. Aos 38 minutos do segundo tempo, a bola sobrou para Oberti na entrada da grande área. Ele ajeitou para o pé esquerdo, e, na frente de Oberdan, mandou uma bomba indefensável. Naquele ano, o argentino foi o artilheiro gremista na competição.

Em 1974, Oberti foi embora. Seu destino foi mais uma vez o Newell's Old Boys. Em 1974, num dos mais acirrados e dramáticos dos campeonatos argentinos, Oberti conseguiu o título de campeão nacional. O Newell's empatou, na final, em 2 x 2, contra seu mais tradicional adversário e rival, o Rosário Central, garantindo, pela primeira vez, o cetro máximo do futebol portenho. Oberti, em seus 147 jogos defendendo o Newell's marcou 89 gols, sendo, até os dias atuais, o terceiro maior goleador da história do clube.



ALVIMAR EUSTÁQUIO DE OLIVEIRA (MAZINHO)

Belo Horizonte *20 de fevereiro de 1948

Em 1972 o Grêmio negociou o centroavante Alcindo, ídolo de sua torcida, com o Santos. Em troca desembarcou no Estádio Olímpico o meia/atacante Mazinho. Jogador de boa técnica e também artilheiro. Mazinho jogava numa faixa de campo vindo de trás com a bola carregada até a grande área, fazendo passe certo ou arrematando a gol. Também era bom cabeceador.

Mazinho havia começado a carreira no Rio Preto e após passar pelo Guarani de Campinas e Paulista de Jundiaí, chegou ao Santos. Era famoso o ataque praiano, formado por Manoel Maria, Mazinho, Pelé e Edu.

No Grêmio, Mazinho realizou boas partidas, enfrentou a truculência dos zagueiros e os acanhados e embarrados campos do interior gaúcho com dignidade. Mas, não ganhou nenhum título.

Em 1974 seu destino foi o Fluminense, onde jogou pouco. Mazinho se encontrou mesmo foi no Santa Cruz de Recife. Seu futebol cresceu no excelente time nordestino. Lá ganhou o apelido de Deus do Ébano. Seu time tinha grandes jogadores, como Nunes, Ramón, Givanildo, Luis Fumanchu, Levir Culpi e outros. Em 1975 o Santa Cruz chegou à fase semifinal do campeonato brasileiro, sendo derrotado pelo Cruzeiro. Mazinho, lesionado, não atuou naquela partida e os torcedores da Cobra Coral atribuem à sua ausência a derrota.

Após sua passagem vitoriosa pelo Santa Cruz, Mazinho jogou pelo Bahia, encerrando a carreira, em 1980, na Ferroviária de Araraquara, cidade onde vive com sua família até os dias atuais.

Teve também boa trajetória como treinador, comandando clubes do interior paulista, como Ituano e Mogi Mirim, entre outros. Trabalhou como auxiliar técnico de Carlos Alberto Silva no Palmeiras e Cruzeiro de Belo Horizonte.



APPARICIO VIANA E SILVA

Taquari RS *8.7.1916

Porto Alegre RS †22.2.1996

Apparicio apareceu para o futebol jogando na posição de centro-médio no extinto Eberle, clube do futebol amador de Caxias do Sul. Teve carreira curta, em razão de uma séria lesão e, por entender, que não tinha muita aptidão para a bola.

Resolveu então ser árbitro. E foi um bom árbitro de futebol. Tinha liderança, mas a ganhava na base da camaradagem. Apitava os jogos brincando com os jogadores, que o auxiliavam, não perturbando o jogo. Quando as circunstâncias exigiam, Apparício era severo. Apitou várias competições no Rio Grande do Sul e o campeonato pernambucano.

Sua terceira atividade no futebol foi a de ser treinador. Começou na base do Grêmio até chegar a dirigir o time profissional. Não era exatamente um estrategista, mas entendia a tática do jogo e a maneira de neutralizar seu adversário. Mas acima de tudo era um bonachão, amigo dos jogadores, e, estes, por sua vez, jogavam por ele.

Além do Grêmio treinou o Cruzeiro, São José, Nacional, todos de Porto Alegre e levou o pequeno Força e Luz, ao bi-vice-campeonato porto-alegrense, em 1947 e 1948. No interior do Estado dirigiu o Juventude e o Flamengo, ambos de Caxias do Sul, o São Paulo, de Rio Grande e o 14 de Julho, de Passo Fundo. Em outros estados treinou o Internacional, de Lages, campeão catarinense e o XV de Novembro, de Jaú. Na Argentina comandou o Gimnasia e Esgrima, de Jujuy e o Atlético de Tucumán.

Quando assumiu o comando da seleção brasileira, João Saldanha convidou Appacício a ser o Assessor Técnico. Isto ocorreu em 1969 e 1970. Ambos deixaram os cargos pouco antes da Copa do Mundo do México.

Durante algumas décadas, quando não estava treinando nenhum time, Apparicio era convidado a escrever sobre futebol a jornais de Porto Alegre. Nos anos de 1960 e 1970, era o treinador da seleção gaúcha, que frequentemente se reunia para jogos amistosos, como este contra a seleção brasileira.

Apparício teve um irmão também ligado ao futebol. Chamava-se Arthur Viana e Silva, que foi árbitro e treinador.

Fontes de Pesquisa

Jornal Zero Hora

Jornal Correio do Povo

Jornal Folha da Tarde

Jornal O Globo

Jornal do Brasil

Jornal O Estado de São Paulo

Revista Placar

Site www.revistadehistoria.com.br

Site da Biblioteca Nacional

Site www.globo.com

Site www.projtopassofundo.com.br



Catálogo do Projeto Passo Fundo
www.projetopassofundo.com.br



Marco Antonio Damian

Historiador. Membro da Academia Passo-Fundense de Letras, do Instituto Histórico de Passo Fundo e da Associação Gaúcha dos Historiadores de Futebol. Colaborador no Projeto Passo Fundo.

Por que Everaldo não foi convocado para a Copa Independência? Por que os jogadores gaúchos ficaram de fora? Essas perguntas desencadearam uma reação da gauchada que culminou na realização do maior jogo de futebol da história do Rio Grande do Sul.

A seleção brasileira parecia não estar em seu País. Foi vaiada estrepitosamente. No Estádio Gigante da Beira-Rio absolutamente lotado ninguém, rigorosamente ninguém torceu pelo Brasil. Este estranho acontecimento ocorreu em 1972 e as páginas deste livro contam o por quê disto tudo.

Em três dias os dirigentes resolveram fazer este enfrentamento, denominado de desagravo pelo Presidente da Federação Gaúcha de Futebol. Em três dias foram mobilizados quase todos os grandes craques do futebol brasileiro e uma massa impressionante de pessoas, além de toda a imprensa esportiva nacional. Foram 90 minutos de uma monumental partida, sem violência, apenas futebol.

A animosidade apenas fora das quatro linhas, mas também agressividade ou fúria. Terminou o jogo e terminou toda a turbulência. O registro ficou apenas para a história, aqui resgatada.



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura



Portal
Domínio Público
Biblioteca digital desenvolvida em software livre

